



**Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP**  
**Instituto de Ciências Sociais Aplicadas – ICSA**



**A mulher do fim do mundo : uma análise do sofrimento de mulheres pretas e pardas em Mariana/MG a partir da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social no Hospital Monsenhor Horta**

**LUÍSA GONÇALVES MARTINS**

MARIANA – MG

2024

LUÍSA GONÇALVES MARTINS

**A mulher do fim do mundo : uma análise do sofrimento de mulheres pretas e pardas em  
Mariana/MG a partir da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social no  
Hospital Monsenhor Horta**

Monografia apresentada à banca  
examinadora como requisito parcial  
para a obtenção do título

Orientador: Professor Dr. Roberto  
Coelho do Carmo

MARIANA – MG

2024

## SISBIN - SISTEMA DE BIBLIOTECAS E INFORMAÇÃO

M386m Martins, Luisa Goncalves.

A mulher do fim do mundo [manuscrito]: uma análise do sofrimento de mulheres pretas e pardas em Mariana/MG a partir da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social no Hospital Monsenhor Horta. / Luisa Goncalves Martins. - 2024.

56 f.: il.: gráf., tab..

Orientador: Prof. Dr. Roberto Coelho Carmo.

Monografia (Bacharelado). Universidade Federal de Ouro Preto. Instituto de Ciências Sociais Aplicadas. Graduação em Serviço Social .

1. Colonização. 2. Negras. 3. Racismo. 4. Sofrimento. 5. Trabalho. I. Carmo, Roberto Coelho. II. Universidade Federal de Ouro Preto. III. Título.

CDU 305(=013)

Bibliotecário(a) Responsável: Essevalter De Sousa - Bibliotecário Coordenador  
CBICSA/SISBIN/UFOP-CRB6a1407



## FOLHA DE APROVAÇÃO

Luísa Gonçalves Martins

**A mulher do fim do mundo : uma análise do sofrimento de mulheres pretas e pardas em Mariana/MG a partir da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social no Hospital Monsenhor Horta**

Monografia apresentada ao Curso de Serviço Social da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Serviço Social

Aprovada em 8 de novembro de 2024

### Membros da banca

Dr. Roberto Coelho do Carmo - Orientador(a) - Universidade Federal de Ouro Preto  
Dr. Davi Machado Perez - Universidade Federal de Ouro Preto  
Dra. Adriana de Andrade Mesquita - Universidade Federal de Ouro Preto

Roberto Coelho do Carmo, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 26/01/2025



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Coelho do Carmo, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 26/01/2025, às 22:52, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0846114** e o código CRC **4B42B87F**.

## AGRADECIMENTO

Aquela rua de pedra batida, naquela casa muito engraçada, que quase não tinha nada, mas era feita com muito amor “canto da quebrada, sem rua asfaltada, pequena apertada, mas se for colar, tem água pro feijão. Como era doce o sono ali, mesmo não tendo a melhor condição.”<sup>1</sup> Naquele escadão que marcava a travessia do caminho mais gostoso que eu já percorri, subia correndo, estava indo para mãe (minha avó), aquele pé de goiaba onde eu avistava a cidade toda e conseguia enxergar, além, acreditar! talvez em outra vida. No entardecer eu escutava o grito: Luísa!!! Estava na hora de colocar o pé descalço no chão de terra do terreiro, calçar os chinelos, correr no meio das galinhas e descer o escadão correndo de volta para casa, enquanto minha mãe dizia :

- Luísa, vai devagar!

Eu nunca soube ir devagar.

Agradeço aos meus avós, Titita, Zé Veloso (mãe e pai) e vovó Zelita, ancestrais vivos, que forjaram a vida sobre o sol da enxada e o aliviar da reza, que me permitiram receber as bênçãos das suas orações, me fizeram entender este solo como sagrado fruto do trabalho em comunhão com a natureza.

Agradeço aos meus pais Ailton e Verinha que temperam a comida e vida com o suor do trabalho duro, “arroz, feijão e fé, que a fé não costuma falhar”<sup>2</sup>, que foram impossibilitados de sonhar, mas criaram o caminho para eu viver os meus sonhos. Ainda aos meus pais que me criaram feito passarinho solto, mas com ninho no peito um d’outro para que eu sempre pudesse voltar e ser protegida sobre as suas asas. Aos ensinamentos, músicas e a boa comida compartilhada, a nossa união que nos trouxe até aqui, este TCC e toda minha trajetória é fruto de nós.

Sou grata às minhas irmãs, carinhosamente Gê e Bi, por serem meu equilíbrio perfeito até entre os signos terrosos do zodíaco, meu norte e exemplo, minhas melhores

---

<sup>1</sup> Trecho da Música “Canção Infantil” Cesar MC- releitura do poema “A casa” de Vinicius de Moraes [Canção Infantil \(part. Cristal\) - Cesar MC - LETRAS.MUS.BR](#)

<sup>2</sup> Trecho da música “A Dança” Mc Hariel part. Gilberto Gil [A Dança \(part. Gilberto Gil\) - MC Hariel - LETRAS.MUS.BR](#)

companhias. Por me ensinaram o amor, me possibilitar o afeto, o apoio e a proteção, quando eu nem sabia que precisava, ao meu irmão Pedro por estar por perto.

- Em tudo eu vejo nossa voz, em tudo eu vejo nós.

Agradeço a minha companheira Gabriela, que esteve ao meu lado durante todo esse processo, me deu confiança, apoio fundamental, escuta atenta a minha fala, sempre, monotemática. Segura minha mão em todas as minhas escolhas, sonhos e trilhas.

Aos meus amigos antigos, principalmente Júlia, Lídia, Alice G. e Alice P. que carregam essa vida comigo há muito tempo me conhecem desde a infância/adolescência e escolherem sempre ficar em todos os momentos ao meu lado, aos meus amigos recentes que fizeram parte da minha trajetória na graduação, sem vocês eu não teria conseguido. Em especial minha amiga Rafaela, confidente dessa vida adulta que pode ser dura demais, obrigada por dividi-la comigo, cada inquietação, cansaço, vitória e recomeço.

Agradeço a República D'ocê Lar por durante esses quase três anos ser minha casa, meu apoio, acolhimento, por todos os momentos em que vivemos e passamos juntas, pelos dias, vida, casa, medos, sonhos, dificuldades e diversões que dividimos, olho pra trás e tenho certeza que aqui é meu doce lugar, é ter pra onde voltar e gritar com peito cheio “ Conheci um lugar, muito diferente é a D'ocê Lar onde só tem boa gente (...) que mal pode haver numa cervejinha uma chama a outra e a próxima é minha”

A todos meus professores e mestre da UFOP que me ensinaram e me auxiliaram nesta trajetória, pelo compromisso com uma educação de qualidade e subversiva, especialmente ao Roberto Coelho, meu orientador que me guiou e me incentivou durante todo processo.

Agradeço a minha supervisora de Estágio Bruna Luísa, sem sombra de dúvidas sem ela este trabalho não teria acontecido, obrigada por ter acreditado e confiado em mim, por me incentivar sempre. Sou muito grata pelo vínculo que criamos ao longo desse um ano que vai para além do campo de estágio, dividindo todas as inquietações, revoltas, choro sob o peso do trabalho, teorias de como “salvar o mundo” e a a boa criticidade que o Assistente Social precisa ter - obrigada por ser essa excelente profissional,

supervisora e amiga. Os aprendizados e momentos que vivi como sua estagiária (dizem que eu tenho cara de estagiária de Assistente Social) no Hospital mudaram completamente o rumo da minha graduação, e da minha vida também, como eu brincava eu era quase sua sombra ali dentro. Sempre muito curiosa e querendo ir a fundo na vidas das pessoas, me decepcionando muito com cada passo para trás (tipo o dia da Zezé Motta), mas nesse mesmo dia me alegrando por finalmente ter visto o resultado de não desistir das pessoas, e acho que é isso, a realidade posta é dura, difícil, até maldita, contudo a capacidade de esperar é nossa, a capacidade de mudança é nossa, sigo muito realista e com o pé no chão, mas com esse hiato vivo, vibrante e potente dessa família que conseguiu sobreviver, aliás viver. Eu nunca vou esquecer as experiências que passamos juntas e apoio incondicional que tivemos uma pela outra, hoje esse trabalho só existe por causa disso, por causa de nós! Dessa forma, agradeço também ao Hospital São Camilo Monsenhor Horta e todos os trabalhadores da instituição, pela oportunidade, acolhimento e por todo aprendizado.

Por fim, me agradeço por não ter sucumbido ao ensino fundamental, pelos raps, músicas, artes, livros e projetos sociais que me salvaram nessa caminhada.

**EPÍGRAFE**

*Problema com escola, eu tenho mil,  
mil fita (...)*

*Aquele louco que não pode errar*

*Aquele que você odeia amar nesse  
instante*

*Pele parda e ouço funk*

*E de onde vem os diamantes? Da  
lama*

*Valeu mãe, negro drama*

*(Trecho da música “Negro Drama”,  
Racionais MC’s, 2002)*



## RESUMO

A história do Brasil é marcada pela colonização e invasão de suas terras, a primeiro momento estrutura para a consolidação do sistema escravista colonial e logo após fator estruturante para o capitalismo dependente formado por relações de trabalhos manchadas pelo racismo. Relações de trabalho cada vez mais instáveis, flexibilizadas e exploratórias, que impossibilitam o Ser Social de produzir e se reproduzir de forma material e subjetiva, gerando uma intensa instabilidade e sofrimento para os trabalhadores. Outro ponto, é que se trata de uma sociabilidade racista uma vez que o capitalismo se apropria deste mecanismo para sua constituição, isto significa que os trabalhadores negros estão em constante processo de sofrimento e adoecimento mental gerados pelos fatores externos sociais, econômicos, culturais e políticos, consequências das transformações históricas. Nesse sentido, este trabalho busca apresentar a construção da sociedade brasileira, ao mesmo tempo que descreve um relato pessoal da Experiência de Estágio Supervisionado no Hospital Monsenhor Horta, cenário onde as “Internações Sociais” são marcadas pela presença de pacientes negros em sua grande maioria, sujeitos que estão em completo estado de sofrimento e adoecimento mental/físico. Entre uma das internações mais marcantes durante a experiência, uma paciente em Internação Social faleceu, após meses de tentativas e tratativas com Estado, Município e Família, esse trabalho sobretudo é uma homenagem a L. "Mulher do Fim do Mundo".

**Palavras-chave:** Mulheres negras, colonização, racismo, trabalho, sofrimento

## RESUMEN

La historia de Brasil está marcada por la colonización e invasión de sus tierras, primero una estructura para la consolidación del sistema colonial esclavista y luego un factor estructurante para el capitalismo dependiente formado por relaciones laborales teñidas por el racismo. Relaciones laborales cada vez más inestables, flexibles y explotadoras, que imposibilitan que el Ser Social produzca y se reproduzca material y subjetivamente, generando una intensa inestabilidad y sufrimiento para los trabajadores. Otro punto es que se trata de una sociabilidad racista ya que el capitalismo se apropia de este mecanismo para su constitución, lo que significa que los trabajadores negros se encuentran en un constante proceso de sufrimiento y enfermedad mental generada por factores sociales, económicos, culturales y políticos externos, consecuencias de transformaciones históricas. En este sentido, este trabajo busca presentar la construcción de la sociedad brasileña, a la vez que describe un relato personal de la Experiencia de Internado Supervisado en el Hospital Monsenhor Horta, un escenario donde las "Hospitalizaciones Sociales" están marcadas por la presencia de pacientes negros en su gran mayoría, sujetos que se encuentran en un completo estado de sufrimiento y enfermedad mental/física. Entre una de las hospitalizaciones más notables durante la experiencia, falleció una paciente en Hospitalización Social, luego de meses de intentos y negociaciones con el Estado, la Municipalidad y la Familia, este trabajo es sobre todo un homenaje a L. "Mujer del Fin del Mundo".

Palabras clave: Mujeres negras, colonización, racismo, trabajo, sufrimiento

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>09</b>
<b>OBJETIVO</b>	<b>11</b>
<b>JUSTIFICATIVA</b>	<b>12</b>
<b>METODOLOGIA</b>	<b>12</b>
<b>Capítulo 1. Herança do colonialismo brasileiro (racismo) na sociabilidade</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo 2. Formação sócio-histórica de Mariana</b>	<b>23</b>
<b>Capítulo 3. Relato de experiência, perfil das usuárias da interação social e o sofrimento de pessoas negras</b>	<b>28</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>49</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>51</b>

## INTRODUÇÃO

Ao longo da minha trajetória na Universidade Federal de Ouro Preto, tive experiências em projetos de extensão complementares à minha formação em diversas áreas como o “Cine Faísca- 2020” que tinha como intuito apresentações de filmes que discutiam a realidade brasileira, dentro do contexto histórico, social e político. Como também, o "UniverCidade": Um Encontro de Trajetórias Negras –2020” projeto que tinha como objetivo trocas sobre a realidade de pessoas negras dentro e fora da Universidade. Durante a atuação no projeto “Cia da Gente” em 2022-2023 como bolsista na instituição de longa permanência Lar São Vicente de Paulo, Ouro Preto, cujo objetivo era trabalhar com arte, educação e sociedade para a melhoria da saúde mental das pessoas idosas dentro da instituição. Uma grande experiência também foi o estágio supervisionado em Serviço Social no Hospital São Camilo Monsenhor Horta, peça fundamental para a construção deste trabalho de conclusão de curso.

Além disso, o “Projeto de Extensão: Ações e Práticas Antirracistas no Exercício Profissional” coordenado pela professora Adriana Mesquita, ao participar estive em uma aula sobre saúde mental e sofrimento de mulheres negras, o que impulsionou esta pesquisa, a partir desta aula nasceu o tema deste Trabalho de Conclusão de Curso. Por fim, a participação na Iniciação Científica "Racismo na era digital: desafios e impactos das novas tecnologias diante dos processos de trabalho e da luta de classes no debate marxista” orientada pelo prof. Roberto Coelho do Carmo. Todas essas experiências foram fundamentais para chegar até aqui, pela construção e interesse por esta temática que também perpassa minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Além disso, os projetos de extensão direcionam o caminho que acredito, uma academia fora dos muros e livros acadêmicos. Dessa forma, apresenta-se:

“A mulher do fim do mundo: uma análise do sofrimento de mulheres pretas em Mariana–MG a partir da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social no Hospital Monsenhor Horta”, este trabalho nasce da necessidade de externar um sentimento e uma inquietação causada pela experiência de estágio supervisionado no Hospital Monsenhor Horta em Mariana–MG. Durante o estágio foi observado uma insistente constância nos casos de “internação social” - estado em que o paciente se encontra com alta clínica, mas por algum motivo social não está apto para receber alta

hospitalar, como violência, abandono, situação de rua, etc. Esta constância determinava que pessoas negras (pretos e pardos) eram a grande maioria dos casos de internação social. Com fundamento nisso, foi elaborado um relato de experiência pessoal sobre a história de uma paciente que ficou em “internação social” por aproximadamente seis/sete meses. Uma mulher preta de 46 anos com sequelas de um Acidente Vascular Cerebral (AVC), sofreu abandono Estatal, municipal e familiar e mesmo após inúmeras tentativas de resolução realizadas pelo setor de Serviço Social, todas sem êxito, a paciente faleceu sozinha em uma maca de hospital.

À vista disso, este trabalho busca entender porque pessoas negras estão em espaços/estado de sofrimento e adoecimento com maior frequência e número que pessoas brancas. A princípio foi realizada uma pesquisa bibliográfica com intuito de elucidar a formação sócio-histórica brasileira, compreendo que a história do Brasil é manchada pelo colonialismo e racismo, isto posto, a sociabilidade contemporânea carrega esses traços na sua fundamentação, estruturação e organização social, política, econômica, cultural e principalmente nas formas de trabalho. O racismo, outrora mecanismo da invasão europeia portuguesa e do sistema colonial, transformou-se em um importante mecanismo de exploração e controle do capitalismo, isto significa que as relações de trabalho são racistas. Dessa forma, a população negra, têm acesso aos trabalhos pauperizados, informais, sem direitos trabalhistas, ou ao desempregos e “bicos”.

Marx conceitua o trabalho como ato idealizado de transformação da natureza para suprir as necessidades humanas e constituição do ser social, contudo no capitalismo o processo de trabalho ganha um caráter novo, agora as relações de trabalho são mediadas pela troca pela moeda comum, o dinheiro. Dessa forma, o processo de trabalho torna-se cada vez mais intensificado, flexibilizado, instável, estranho e coisificado - o trabalho deixa de ser garantia de sobrevivência e reprodução da vida material e subjetiva. Nesse sentido, as pessoas negras são ainda mais afetadas pelas relações de trabalho, isto se justifica pelo racismo institucional presente nos espaços sociais.

Para os negros sobram a precarização, informalidade e baixos salários, com isso esse grupo social não consegue se manter e manter seu núcleo familiar, há sempre uma

insegurança que causa sofrimento, ansiedade e adoecimento, além de estarem em posições de trabalhos mais degradantes que contribuem para o esgotamento físico e mental. Quando se trata de mulheres negras o sistema é ainda mais perverso, mulheres negras trabalham mais, contudo recebem os menores salários, além disso, compõem as maiores taxas de pessoas violentadas, são sexualizadas, ou colocadas no lugar de “mãe preta”.

Em suma, ao longo deste trabalho será possível comprovar que fatores externos, além da predisposição genética e doenças naturais, são responsáveis pelos processos de saúde-doença. Os modos de vida são reflexos da estruturação da sociedade, e do sistema político e econômico, um desses reflexos é o racismo que afeta diretamente a construção do que é ser negro em uma sociedade colonial e capitalista dependente.

#### **OBJETIVO GERAL :**

- Analisar o sofrimento de mulheres pretas e pardas em Mariana/MG a partir da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social no Hospital Monsenhor Horta.

#### **OBJETIVOS ESPECÍFICOS :**

- Entender por que pessoas negras estão em espaços/estado de sofrimento e adoecimento com maior frequência e número que pessoas brancas;
- Apresentar a história do Brasil manchada pelo colonialismo e racismo, sendo assim, evidente que a sociabilidade contemporânea carrega esses traços na sua fundamentação, estruturação e organização social, política, econômica, cultural e principalmente nas formas de trabalho;
- Identificar que as relações de trabalho são racistas, por isso a população negra tem acesso aos trabalhos pauperizados, informais, sem direitos trabalhistas, ou ao desemprego;
- Comprovar que negras adoecem e estão em estado de sofrimento, devido aos rebatimentos da sociedade capitalista colonial, por isso, apenas a partir da

superação deste modelo econômico e sua descolonização será possível um modo de vida longe da exploração e morte de corpos negros.

## **JUSTIFICATIVA**

A principal motivação para sustentar o presente Trabalho de Conclusão de Curso reside na importância e necessidade da discussão sobre o tema "Sofrimento de mulheres pretas e pardas em Mariana–MG a partir da experiência de estágio supervisionado em Serviço Social no Hospital Monsenhor Horta". Partindo do ponto de que Marx conceitua o trabalho como ato idealizado de transformação da natureza para suprir as necessidades humanas e constituição do ser social, contudo, no capitalismo, o processo de trabalho ganha um caráter novo (troca pelo dinheiro). Isto é, o trabalho cada vez mais estranho e com vínculos instáveis, conjuntamente com diversos rebatimentos sociais, econômicos e culturais, são responsáveis por gerar sentimentos de instabilidade e sofrimento no trabalhador. Sobre esta perspectiva, pessoas negras são ainda mais afetadas pelas relações de trabalho, tendo em vista a presença do racismo institucional presente nos espaços sociais. Para as pessoas negras, sobram a precarização, informalidade e baixos salários. Com isso, esse grupo social não consegue se manter e manter seu núcleo familiar, há sempre uma insegurança que causa sofrimento, ansiedade e adoecimento de corpos negros. O que comprova-se a partir da experiência de Estágio Supervisionado no Hospital São Camilo Monsenhor Horta, da cidade de Mariana–MG. Desta maneira, o trabalho se faz relevante pela sua atualidade e por sua ligação direta com o cotidiano de pessoas negras brasileiras.

## **METODOLOGIA**

As metodologias utilizadas para a construção do trabalho de conclusão de curso foram leituras de pesquisas bibliográficas e documentais, sínteses de todos os materiais, análise de dados retirados do campo de estágio e construção de tabela informativa, além de músicas e poemas. O trabalho também conta com a elaboração de um relato de

experiência fruto do Estágio Acadêmico no Hospital Monsenhor Horta (HMH) de Mariana–MG. A linha da pesquisa utilizada baseia-se na teoria materialista de Marx, uma vez que acredita que as transformações históricas e a realidade concreta conseguem explicar os eventos sociais contemporâneos. Para mais, foi utilizado preferencialmente autores negros e latinos americanos ‘nada sobre nós, sem nós’, entre eles Clóvis Moura, Léila Gonzales, Jessé Souza, Florestan Fernandes, Luiz Alencastro, Enrique Dussel, Frantz Fanon, etc. Com isso, espera-se demonstrar que o processo de adoecimento e sofrimento do corpo negro são frequentes e reflexos das contradições do capitalismo aliado com o racismo.

### **1. Herança do colonialismo brasileiro (racismo) na sociabilidade**

*Brasil, meu nego  
Deixa eu te contar  
A história que a história  
não conta. O avesso do mesmo  
lugar. Na luta é que a gente  
se encontra. (Trecho do Samba  
Enredo "História pra ninar  
gente grande" da Mangueira,  
2019)*

A formação sócio-histórica brasileira é perpassada pela colonização e invasões de suas terras, fator estruturante para a consolidação do capitalismo periférico dependente, além da produção e reprodução do racismo em meio às relações sociais. Por isso, a história brasileira carrega consigo a herança colonial que reflete sobre as relações sociais e de trabalho contemporâneas. Contudo, este processo inicia-se primeiramente em outros lugares da América-Latina; por isso, faz-se necessário delimitar e apresentar este cenário antes de chegar à história do Brasil.

Por volta de 1470, as grandes navegações da Espanha europeia começaram a explorar novos territórios marítimos, na tentativa de chegar, por outro lado, ao território asiático/muçulmano (até então o lugar mais rico cultural, comercial e religiosamente). Com intuito de intensificar sua exploração e dominação, porém, as navegações chegam ao ‘mundo novo’, na invenção dos europeus, seria o outro lado da Ásia, que futuramente ficaria conhecida como a América Latina, primeira periferia da Europa.



Agora, a Europa torna-se centro da história mundial, adentrando em um território desconhecido intitulado como periferia, em que existia o “outro”. O “outro”-habitantes da América Latina-considerados “atrasados”, bárbaros, imaturos, primitivos, etc., segundo o mito da modernidade de Dussel estavam à espera da “civilização” trazida pelo homem branco europeu. Dessa forma, a Europa começa a “descobrir”, controlar, dominar, colonizar o “outro” sobre a perspectiva da reprodução da sua autoimagem — eurocentrismo. A Europa como centro de referência para o mundo, todos os povos bárbaros periféricos deveriam ser transformados à imagem e semelhança da Europa Ocidental cristã.

Nesse contexto, os europeus tornam-se “missionários da civilização” levando a “modernidade” — o modo de vida europeu imposto sobre outras formas de vida para todo o mundo, especialmente para os “povos primitivos”. Contudo, o conceito da modernidade carrega consigo uma espécie de mito para justificar as violências cometidas contra a periferia. Ou seja, “o mito da modernidade” criou a imagem de um povo “vitimizado” à espera da “salvação” e “civilização” europeia para sua emancipação, ao mesmo tempo, inocentou os colonizadores do rastro sanguinário e genocida da colonização que, segundo Dussel 1993 “encobria o não europeu”. Sendo assim, a modernidade partiu do processo de colonização originária da Espanha que determinou seu povo e território como evoluído e civilizado, com a missão de conquistar e levar seu conhecimento, sua fé, seu modo de vida para os povos bárbaros da América Latina, em seguida para a África.

Vale lembrar que a colonização foi um projeto não apenas violento e sanguinário, mas que buscava uma transformação do espaço e da comunidade, “partia da exterioridade”(Dussel, 1993. Pág. 80) europeia. Dessa forma, o cristianismo era instituído e forçado através das missões jesuítas, além da imposição de mudança no modo de vida, por meio da implantação de tecnologias e técnicas europeias para o cultivo de plantas, instrumentos agrícolas, escritas e práticas políticas da vida urbana ocidental. Agora, além de uma dominação física, havia também a dominação espiritual do pensamento europeu sobre os nativos da América Latina.

Diante do exposto é possível estabelecer que a colonização ocasionou o apagamento dos grupos populacionais da América Latina e a modificação forçada dos modos de vida e de comunidade, nesse sentido, Dussel compreende esse processo histórico tinha como objetivo o “encobrimento” de outros corpos — corpos não europeus. Com intuito de explicar esse marco histórico, o autor traça algumas concepções acerca de como se estruturou a dominação, o controle e a colonização dos povos considerados bárbaros e primitivos. Abaixo será citado e analisado algumas dessas concepções a fim de compreender como o colonialismo foi um fator estruturante para o controle dos corpos

latino-americanos e africanos, por meio do mecanismo de escravização desses “não-corpos” (corpos não brancos europeus são considerados corpos descartáveis, não civilizados, corpos que podem ser explorados pelo colonialismo em seguida pelo capital).

A princípio, o europeu esperava encontrar outros povos asiáticos, por isso eles criaram a “invenção” do “ser — asiático” que se dá a partir do momento que Colombo chegou às Américas, acreditando estar na Índia pelo caminho do ocidente. A criação pelo imaginário do europeu desse novo ser-asiático que andava nu, falava outras línguas e professava uma fé “estranha” possibilitou a continuação do processo de centralidade mundial da Europa, que desaparecia com o “outro”. Inicialmente negavam o “outro” e não os reconheciam, pois acreditavam que o outro era “si-mesmo” — outros habitantes do continente asiático.

Logo após a invenção chega o “descobrimento” do “novo”, é nesse momento que a Europa torna-se centro do mundo, o continente moderno passa a criar sua própria imagem e semelhança — nesse processo os habitantes descobertos das novas terras são considerados povos que precisam ser conquistados, modernizados e civilizados. A Europa determina que as outras culturas, mundos e pessoas têm a necessidade de ser “espelhos” da cultura ocidental branca, europeia cristã — pois segundo os colonizadores os outros são apenas “bestas rústicas e primitivas”, assim como as outras formas de vidas da periferia, tudo “não europeu” precisa ser encoberto.

Nesse contexto, a colonização foi um marco crucial de todo movimento histórico. A América Latina tornou-se a primeira colônia da Europa moderna, passou pelo primeiro processo de modernização do indígena e do escravizado africano. Agora, os colonizadores não agem apenas violentamente, utilizam técnicas pedagógicas e culturais de dominação política e econômica, além dos controles sobre os corpos femininos pelo machismo e cultura do estupro, “gerando” a raça mestiça dos latinos. As mudanças também ocorreram sobre o viés econômico e na forma como esses povos colonizados se relacionam com o trabalho, por meio da imposição de novas formas de trabalho. Criação de novas instituições comerciais e novas formas de políticas, também houve o avanço das novas relações comerciais e da economia capitalista dependente e periférica. Para mais, a colonização trouxe a domesticação dos povos, novas estruturas dos espaços, do modo de produção e reprodução da vida no território latino-americano, da mesma maneira, uma cultura sincrética, por fim a criação de um Estado híbrido colonial que recebia seu novo deus — o capital.

A colonização foi levada à conquista espiritual, já não bastavam as motivações econômicas, as buscas pela riqueza e pelo ouro para justificar a colonização, agora era necessário um motivo ético que levasse a novas vidas dos “outros” terem um significado. Assim, Deus se tornará a motivação

— o motivo da conquista e dominação dos povos. Dessa forma, era necessário impor uma nova concepção religiosa a fim de controlar, alienar e criar uma nova consciência da periferia. A conquista espiritual pretendia ensinar a doutrina cristã, seus mandamentos, orações e principalmente o culto ao deus dinheiro. Nesse contexto, o indígena e o africano foram integrados na nova forma de sistema “a modernidade mercantil-capitalista nascente” (Dussel, 1993, pág. 60). Vale ressaltar que o processo foi impositivo e violento, os indígenas eram obrigados a seguir a fé cristã e a seguir esse novo Deus — deus cristão, deus dos brancos, europeus civilizados.

Por fim, a concepção do “choque de dois mundos” — encontro das culturas europeia, indígena e africana, a ideia de encontro surge para “limpar” a imagem do conquistador europeu e criar a imagem de um povo igual e amistoso que prevalece atualmente. Estabelecidas sobre o mito da harmonia entre os povos, para esconder o processo violento de dominação e estupro dos corpos femininos, conseqüentemente o surgimento dessa nova raça: mestiços e crioulos que ainda vivem sobre a dominação da cultura hegemônica ocidental e capitalista.

En nombre de dios, te sometes o te mueres "indio sin alma" ha dicho la santa iglesia, prefiero morirme e irme al infierno, y no toparme nunca más con un cristiano. Y de este lugar, y de este lugar se llevaron todo, hasta la libertad, y en este lugar, y en este lugar hay a muchos que la historia les da igual. Siglos oscuros me desgarran, me desgarran la voz. Destruyeron nuestras culturas, impusieron su dios, sus descendientes lavan sus conciencias con caridad y avalan un sistema lleno de desigualdad . Indios, mestizos, zambos, negros y mulatos, seguimos todos fuera del sistema. Que nos margina de lo que nos queda: educación, salud y nuestra hermosa tierra. (Trecho da música “América Si” Autoria: Evelyn Cornejo)

Em nome de Deus, “levaram tudo, até mesmo a liberdade, destruíram nossas culturas para apoiar um sistema de desigualdade, onde indígena, mestiços, negros e mulatos seguem fora do sistema”. Essa história se repete por toda América Latina, sendo assim, no Brasil não seria diferente.

*Brasil, meu denço a Mangueira  
chegou .Com versos que o livro  
apagou. Desde 1500  
Tem mais invasão do que  
descobrimento. (...) Eu quero um  
país que não está no retrato.  
(Trecho do Samba Enredo  
"História pra ninar gente*

Os versos apagados dos livros contam a história de “Pindorama”, onde houve um fator crucial para a consolidação do processo de colonização, a escravização da mão de obra negra. Durante os três séculos de tráfico negreiro, foram em média 12 milhões de pessoas raptadas em África e cerca de 5,5 milhões (40% do total) tiveram como destino terras brasileiras (ALENCASTRO, 2000 e 2018).

A escravização esteve presente no Brasil por mais de 300 anos e o país foi construído pela exploração desse trabalho forçado, ora indígena, ora africano. É nesse contexto que, no fim do regime escravocrata, após anos de resistência e luta do povo negro — movimentos apropriados pelos brancos que almejavam o fim do “antigo regime” — não por misericórdia da princesa Isabel, o negro passa a ser “inserido” na emergência da sociedade de classe.

Após esse momento histórico, quando a “abolição” já havia sido assinada em 13 de maio de 1888 da escravidão já tinha se consolidado, o Brasil passa a encarar o negro como “liberto”. Entretanto, apesar de estar livre, o povo negro é jogado à própria sorte sem nenhuma condição de sobrevivência, e agora precisava garantir a sua existência e de suas famílias mesmo sem acesso aos meios materiais que possibilitam a reprodução da vida.

Nessa transição da escravidão à concorrência, o negro se viu abandonado pelo Estado, Igreja e pelos seus antigos “senhores”. Diante disso, “ao negro, fora do contexto tradicional, restava o deslocamento social na nova ordem. (SOUZA,2018, p.192).”. Esse deslocamento coloca o negro fora do ambiente concorrencial do trabalho e sua exclusão sistemática determina um destino de marginalidade social e pobreza econômica. O liberto foi convertido em “senhor de si”, mesmo sem dispor de meios materiais e imateriais para a reprodução da vida.

A continuidade da exclusão social e da marginalização sistêmica dos ex-escravizados aconteceu por meio da privação veemente e impiedosa. Onde os mesmos tinham que se tornar “trabalhadores livres” dessa nova forma de vida e trabalho, porém sobre as mesmas condições do antigo regime, ou se juntar a massas de “desocupados” — essas circunstâncias se davam em regiões de baixa produtividade/produção. Já nas regiões de alta produção, sob a possibilidade de crescimento econômico e organização de trabalho, negros libertos se viam obrigados a competir com os chamados trabalhadores nacionais que constituem o exército de reserva. Excluídos das atividades produtivas devido ao desgaste de trabalho escravo, ou pela disputa com a mão de obra vinda da Europa, principalmente italianos — trabalhadores mais adequados e aceitos pelo novo

sistema econômico. Nesse contexto, os negros foram abandonados a seu próprio destino, restando apenas a obrigação de se transformar para atender às novas exigências dos ideais de humanos aptos ao trabalho livre.

O trabalho livre prometia trazer consigo o avanço, a superação do antigo e retrógrado regime, rumo ao fim do atraso e à construção de uma nação civilizada, assim consolidando o liberalismo econômico e a mercantilização da vida por meio do trabalho assalariado, desde que sua pele fosse branca. Os negros, diante dessa nova ordem, ocupam as extremidades das cidades — hoje as chamadas favelas, enquanto os imigrantes italianos trazidos pelo próprio governo ocupam os grandes centros — o que ocasionava uma enorme vantagens na procura de empregos e na competição para entrar no mercado de trabalho. Pretos e pardos não tinham condições de competir pela sua ascensão social, econômica e especialmente, política — viviam uma disputa eterna em busca de pequenas oportunidades dadas aos “marginais”.

Nesse contexto, era impossível para o negro se desassociar de suas antigas condições de trabalho, enquanto o branco imigrante só vendia sua força de trabalho diante de determinadas escolhas e condições. Diferente do imaginário criado nas pessoas, os ex-escravizados não “fugiam do trabalho”, apenas não dispunham de condições para competir e viver como “liberto assalariado” nesse novo sistema. Detinham apenas de sua força de trabalho e, após os seus antigos “senhores” os libertarem, a maioria não os recontratava para trabalhar nas fazendas e, quando acontecia, os negros viviam sobre as mesmas condições do antigo regime. Tornou-se um “campo minado” para pretos e pardos onde, ou eles continuam sendo explorados pelas bases do regime escravista, ou iam tentar a sorte em uma competição fundamentalmente injusta contra os estrangeiros italianos e brancos brasileiros. Sobra a submissão quase que obrigatória ao continuar em relações de trabalho escravo ou a subversão ao incorporar a figura do “marginal” que não se adequa aos novos moldes de produção e trabalho imposto pelo novo regime.

“Haverá de fato necessidade de submissão? Ou será inútil semelhante coisa, podendo a sociedade existir sem ela?” (BARRETO, 1961 c., p. 106)

O negro marginalizado passa a ser visto como sujo e inabilitado de competir com a figura do branco.

Fazem uma ligação reificada, para usarmos a terminologia lukacsiana, entre a etnia negra e a situação de pobreza, exploração e delinquência a que os seus elementos marginalizados pela sociedade capitalista chegaram, especialmente nas grandes cidades. A partir daí, conclui-se que, se ele se encontra presentemente marginalizado e em situação inferior ao branco, isto se deve, fundamentalmente, à sua própria

incapacidade e não às barragens de peneiramento que lhe foram impostas. (MOURA,1977, pág.19)

Nesse contexto, sobra para o ex-escravo o subemprego, ou desemprego, a marginalização sistêmica a sub cidadania e as periferias, para mulheres negras resta o trabalho doméstico não qualificado, no lugar da “mãe preta e da mucama”, além dos subempregos nas fábricas e prostituição forçada, para ambos a subumanidade. Cabe nesse momento contextualizar certas noções impostas à mulher negra na sociedade brasileira. Nesse sentido, a autora e ativista Lélia Gonzalez aborda em seu livro “Racismo e Sexismo na cultura brasileira” concepções sobre como a mulher negra brasileira é vista e tratada. Gonzalez usa a noção de mulata, doméstica e mãe preta, três categorias presentes no cotidiano do Brasil, para explicar a relação entre o racismo, a figura da mulher negra e o mito da democracia racial enraizada no imaginário da população.

“Falamos da mulata, não mais como uma noção de caráter étnico, mas como uma profissão. (Gonzales, 1979c)” Dessa forma, a concepção de mulata ultrapassa a noção apenas étnica, sendo vista como uma profissão. Uma vez que a mulher negra se torna mulata quando é atrativa para os homens, para a cultura nacional e internacional, para trazer alegria e cultura ao povo tão sofrido. Lélia usa o exemplo do carnaval que evidencia que nessa época específica do ano as mulatas tornam-se rainhas, amadas e desejadas pelo povo. É nesse momento que a mulher negra passa a ser vista e o mito da democracia racial tem suas bases renovadas, afinal, os brasileiros amam a figura da mulher negra no carnaval.

Para mais, o mito da democracia racial cria uma dicotomia entre a noção de mulata e doméstica, contudo as noções são fruto de um mesmo sujeito, afetam as mesmas pessoas dependendo apenas do momento em que são vistas. Por trás da mulata amada pelo carnaval está a imagem doméstica, essa, por sua vez, perde seu trono de rainha. A doméstica é colocada no lugar de serventia, apta para fazer os trabalhos domésticos e ser obediente. Sua personificação é como a mulher negra é vista no cotidiano, onde a exaltação acaba. A doméstica é sistematicamente discriminada e violentada diariamente, sendo colocada para trabalhar longe do público, tentando se encaixar em um padrão branco do que é ter “boa aparência” lutando para ter faxinas diariamente, deixando de “cuidar” da sua família para cuidar da família dos brancos.

Gonzalez discorre que a “única colher de chá” dada à mulher negra se encaixa na noção de “mãe preta”, aquela que tem o olhar cuidadoso e bondoso, que cuida da criança brasileira. Contudo, segundo a autora, é a partir da “mãe preta” que a “classe dominante vai levar uma

rasteira”, porque ela não é a idealização desse amor entreguista, de dedicação total, ela é apenas a mãe que exerce a maternidade ao educar os filhos dos brancos. Com sua linguagem, seus costumes, valores, por isso, a “mãe preta” seria o perigo para a classe dominante, ao passar todo seu conhecimento e vivências de mulher preta para crianças brancas. Todas as três categorias personificam de uma só mulher: a mulher negra (preta e parda) brasileira.

Agora, retomando ainda o contexto do trabalho livre, o negro foi obrigado a resolver com suas próprias mãos esta realidade em que se encontrava após quatro séculos de escravidão. Sobre esta perspectiva, foi criada a ideologia estruturante que se manifesta pelo racismo de que o negro seria um “mau cidadão” — não consegue trabalhar em bons empregos e, ao mesmo tempo, são “escorregadios” sujeitos a entrar para a criminalidade. Realidade esta que reverbera presentemente, na qual pretos e pardos ainda não conseguem chegar ao centro do sistema, meio da posse de propriedade ou das conquistas de cargos de prestígio, políticos e sociais relevantes.

Por vezes, essas barreiras sociais são impostas veladamente, afinal, a sociedade brasileira não aceita ser chamada de racista, pois se reconhece e acredita na imagem criada de um povo amistoso e igual, o que não se revela na realidade concreta. Pelo contrário, as classes dominantes querem e precisam manter a ideia de igualdade no mercado — de que todos têm as mesmas oportunidades para vender sua força de trabalho. Dessa forma, é possível justificar as inúmeras violências e injustiças sociais destinadas a certos grupos minoritários.

A reprodução desses pensamentos contribui para a continuação da ideia de que o próprio negro não consegue alcançar as condições, por si, de ascender socialmente — uma vez que as oportunidades são tidas como iguais, como instituí a “democracia racial” brasileira. Assim, apresentam-se duas faces do racismo: a utilização de mecanismos que impedem e barram pessoas negras de se igualar e/ou superar pessoas brancas, ao mesmo tempo, em que se cria uma culpabilização individual de corpos não brancos. Responsabilizando-os pelas situações sociais que se encontram — já que o governo “democrático”, logo “governo do povo” oferece as mesmas chances para todos os povos, independente de raça, gênero ou classe social.

Nesse panorama, a população afro-brasileira enfrenta incontáveis, imensuráveis e infinitas barragens na corrida do sistema de competições e aqueles que descobrem sua situação se veem obrigados a lutar individualmente para se igualar tecnicamente ao trabalhador branco.

Essa luta faz com que novos meios de opressão sejam criados para restringir negros e colocá-los sempre em lugar de submissão e culpabilidade. A medida em que procuram e conseguem competir (mesmo com diversos empecilhos) pelos mesmo lugares de prestígios sociais

antes espaços hegemonicamente brancos com os mesmo níveis técnicos e profissional, criam-se processos seletivos que nunca seleciona pessoas negras — ainda que estas tenham as mesmas, ou até maior competências profissionais.

Agora, fica imprescindível apresentar o recorte de gênero entre o homem negro e a mulher negra — o homem não era visto como “gente” e sim como coisa “máquina” para ser explorada no trabalho braçal. Enquanto, as mulheres negras e “mulatas” serviam ao homem branco para o trabalho de “casa e de cama” — meros objetos sexuais para satisfação “negra para trabalhar, mulata para trepar e branca para casar”(MOURA,1977,pág.59). A partir desse pensamento surge a concepção de que mulheres negras são “boas de cama” e têm uma sexualidade incontável e insaciável, servindo apenas para o ato sexual.

Após a escravidão essa noção foi reinterpretada e incorporada ao capitalismo, a mulher negra foi reificada até ser encaixada como boa somente para exercer trabalho doméstico ao deixar de cuidar das suas famílias para cuidar das famílias, da casa e dos filhos de mulheres brancas, ou serem vista apenas como objeto de desejo sexual que satisfaz homens brancos.

Através de um processo quase sempre inconsciente, procuram manipular mecanismos de defesa que os resguardem e protejam da ameaça latente que tais elementos representam. Daí aproveitarem as diferenças étnicas desses grupos ou segmentos, apresentando-as como marcas inferiorizadas. Esse pensamento racionalizado, por seu turno, funciona como uma ideologia resguardada desses interesses e, depois de certo tempo, se automatiza e passa a integrar o conjunto do pensamento social global. Essa consciência social reificada que nasce do próprio processo contraditório através do qual a mercadoria é produzida e a força de trabalho vendida na sociedade capitalista, fixa-se e exerce uma função que, aparentemente, nasce de forma natural, isto é, como se ela fosse uma decorrência de verdades inquestionáveis e eternas, capazes de direcionar o pensamento e o comportamento social de forma definitiva. Por isto mesmo, no plano de pensamento dominante na sociedade competitiva, caracteriza-se por um aspecto fundamental : não é questionável. Assimilada inconscientemente pelo conjunto ou pela maioria de grupos sociais, esse pensamento subjacente passa a ser dominante e, a partir daí, cada vez mais inquestionável e dogmático. Criam-se argumentos mágicos - analógicos para justificar-se aquilo que é insustentável cientificamente, generalizando e difundindo essa ideologia de forma velada e subliminar através dos condutos de comunicação de massas que possuem. (MOURA, 1977,pág. 52)

Diante de tudo que foi exposto, pode-se concluir que o escravismo no Brasil se constitui estruturalmente como um modelo para gerar riquezas, subordinado ao modo de produção mercantil. Dessa forma, “no Brasil se criam condições objetivas para uma” “modernização conservadora”, isto é, o desenvolvimento de relações capitalistas mantendo estruturas arcaicas (MOURA,1994, pág.16)



o marco dessa transição se deu no momento da formulação da Lei Eusébio de Queiroz de 4 de setembro de 1850<sup>3</sup>. À medida que a abolição acontecia, mesmo que a passos lentos e graduais, os recursos antes usados para o tráfico eram reinvestidos na estruturação para consolidação do capitalismo, concomitantemente com a exclusão metódica de pessoas negras, como já abordado anteriormente.

Se a exclusão sistêmica de negros e negras era justificada ideologicamente pelas elites intelectuais da época com a importação das teorias do racismo “científico” e da eugenia - populares nos espaços acadêmicos daquele período-, ela tinha um objetivo material: a transição do escravismo foi para um capitalismo de natureza dependente, isto é, voltado para atender demandas externas. Em outras palavras, a estratégia das elites que comandavam este processo era de associarem de forma subalterna ao capitalismo global que, já da metade para o final do século XIX, dava os seus passos para a natureza imperialista. (MOURA,1994,pág.17)

Dessa forma, “podemos dizer que o racismo é uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam. (ALMEIDA, 2019,pág. 22)”

Diante disso, o preconceito é atualmente destinado ao que Jessé de Souza chama de “ralé brasileira” — classe forjada após a “falsa” libertação dos escravizados, a grande parte dos seus integrantes continua sendo a população negra. Dado que o capitalismo usa o racismo como mecanismo para manter a exploração e a desigualdade, além disso, segundo Jessé, a ralé também se constituiu pela formação da estrutura familiar brasileira, bem como pelo acesso ao conhecimento, cultura, etc.

À vista disso, a classe detentora de conhecimento é quem ocupa o mercado de trabalho, isso se comprova pelos dados do IBGE de 2022 que analisa a taxa de desemprego consoante o grupo racial pertencente: para brancos (7,3%), a taxa ficou abaixo da média nacional (9,3%), para pretos (11,3%) e pardos (10,8%) ficou acima; no 2º trimestre, 64,7% dos desempregados no país eram pretos ou pardos. Pensando nisso, pessoas brancas têm mais chances de alcançar as condições materiais e imateriais que garantem a reprodução da vida no sistema capitalista, enquanto as outras classes já nascem quase que predestinadas à miséria e à desumanização. É essa classe totalmente excluída, pauperizada e forçada a vender sua força de trabalho para atividades com alto nível de

---

<sup>3</sup> A Lei Eusébio de Queiroz, promulgada em 4 de Setembro de 1850, proibiu o tráfico de africanos escravizados para o Brasil.

exploração que faz parte da ‘ralé da brasileira’. Além disso, essa constante exclusão sistêmica leva à classe trabalhadora a uma passividade e aceitação da ordem social vigente - a culpabilização dos sujeitos por sua realidade permite a continuação da ordem capitalista.

Outro ponto crucial são os meios de comunicação utilizados como artifícios para a continuação da ideologia racista que está presente nas condições estruturais e institucionais. Pensando nisso, Silvio Almeida discorre.

Pessoas racializadas são formadas por condições estruturais e institucionais. Nesse sentido, podemos dizer que é o racismo que cria a raça e os sujeitos racializados. Os privilégios de ser considerado branco não dependem do indivíduo socialmente branco reconhecer-se ou assumir-se como branco, e muito menos de sua disposição em obter a vantagem que lhe é atribuída por sua raça. O racismo constitui todo um complexo imaginário social que a todo momento é reforçado pelos meios de comunicação, pela indústria cultural e pelo sistema educacional. Após anos vendo telenovelas brasileiras, um indivíduo vai acabar se convencendo de que mulheres negras têm uma vocação natural para o trabalho doméstico, que a personalidade de homens negros oscila invariavelmente entre criminosos e pessoas profundamente ingênuas, ou que homens brancos sempre têm personalidades complexas e são líderes natos, meticolosos e racionais em suas ações. E a escola reforça todas essas percepções ao apresentar um mundo em que negros e negras não têm muitas contribuições importantes para a história, literatura, ciência e afins, resumindo-se a comemorar a própria libertação graças à bondade de brancos conscientes. (ALMEIDA,2019)

Nesse sentido, o racismo está enraizado no nascimento do capitalismo dependente brasileiro, ou seja, o capitalista apropria-se do racismo como mecanismo utilizado a favor da sua produção e reprodução. Uma vez que pessoas negras excluídas estruturalmente tornam-se essenciais para a constituição do exército de reserva<sup>4</sup> - massa de trabalhadores desocupados, continuação e agravamento das desigualdades sociais, raciais, de gênero e de classe - elementos essenciais para a manutenção da ordem do capital. Diante de tudo que foi exposto, conclui-se que a herança do colonialismo brasileiro é base de fundamentação do racismo na sociabilidade brasileira e está intrínseco ao modelo de produção capitalista periférico, por isso, pensar numa sociedade que supere o racismo é pensar numa sociabilidade para além do capital.

---

<sup>4</sup> O Exército industrial de reserva é um conceito desenvolvido por Karl Marx em sua crítica à economia política, e refere-se ao desemprego estrutural das economias capitalistas. O exército de reserva corresponde à força de trabalho que excede as necessidades da produção.

## 2. Formação sócio-histórica de Mariana

*Lira itabirana*

*I*

*O Rio? É doce.*

*A Vale? Amarga.*

*Ai, antes fosse*

*Mais leve a carga.*

Marx conceitua a formação sócio-histórica por meio da teoria do materialismo histórico como uma forma de compreender os diferentes modos de produção que existiram ao longo da história da humanidade — cada formação é caracterizada por determinado sistema econômico, relações de produção específicas e grupos sociais. Nesse sentido, é fundamental conhecer o território que move esta pesquisa, a fim de compreender sua formação sócio-histórica, as políticas públicas sociais que atuam nesse espaço, bem como as estruturas sociais e raciais do local.

A primeira cidade de Minas Gerais surgiu sob a comanda do bandeirante coronel Salvador Fernandes Furtado de Mendonça, quando o mesmo se instalou à margem de um ribeirão e fundou, em 1696, o arraial com nome de Ribeirão do Carmo, em homenagem ao dia de Nossa Senhora do Carmo. Furtado e sua expedição encontraram ouro às margens do ribeirão e se alojaram no arraial que se transformou em um dos principais fornecedores do minério para Portugal.

*II*

*Entre estatais*

*E multinacionais,*

*Quantos ais!*

Devido à alta concentração de ouro, o pequeno arraial passa a atrair inúmeros exploradores das jazidas auríferas, vindo de diversas regiões brasileiras e de Portugal. A atividade tornou-se a principal prática econômica da época, perdurando mais de um século, como em outros lugares mineiros. Em 1711, o agora populoso arraial tornou-se vila, a primeira vila do Brasil Colônia, principal capital de Minas Gerais.

Com o avanço da exploração de jazidas de ouro e o crescimento populacional, em pouco tempo, Ribeirão do Carmo consolidou-se como principal centro de comércio de Minas Gerais. Com a alta procura e exploração do ouro, Portugal passa a cobrar impostos abusivos sobre comercialização, logo surgem revoltas contra a cobrança de impostos em todo território mineiro, inclusive na Vila do Carmo, o que impulsionou em 1720 a criação da Capitania de Minas Gerais.

A intensa expansão da Capitania fez com que, em 1745, o antigo arraial Ribeirão Carmo fosse elevado à categoria de cidade, recebendo o nome de Mariana, em homenagem à rainha Maria Ana de Áustria, esposa de D.João V. Assim, Mariana tornou-se a primeira cidade de Minas Gerais.

Além do reconhecimento da mineração, a cidade de Mariana, em 1945, tornou-se patrimônio Histórico Nacional a partir da influência cultural e artística gerada pela Semana de Arte Moderna em 1922. Contudo, entre o barroco das igrejas ainda estava presente o ouro da mineração. Dessa forma, a primaz de Minas estruturada e fundamentada sobre a exploração do ouro criou laços tão fortes com a mineração que ainda perduram atualmente na região conhecida como “Quadrilátero Ferrífero” — “estrutura geológica cuja forma se assemelha a um quadrado” (Roser e Roser, 2010,p.33).

Nesse sentido, Mariana converteu-se em um oásis para mineração e o avanço da exploração da terra abriu caminho para várias empresas estrangeiras se instalarem na cidade, de países como Inglaterra, Estados Unidos, França, etc.

### *III*

*A dívida interna.*

*A dívida externa*

*A dívida eterna*

### *IV*

*Quantas toneladas exportamos*

*De ferro?*

*Quantas lágrimas disfarçamos*

*Sem*

*berro?*

*(Drummond, 1902-1987)*

A Mariana de hoje enraizou-se sobre o mercado de ouro, depois do minério de ferro, atraindo mineradoras que traziam o sonho do “progresso”, os trabalhadores para realizar o tão sonhado “progresso”. Ao mesmo tempo, em que a mineração, a produção e a exportação cresciam, a

barragem cedia, a lama descia, e a cidade da Padroeira Nossa Senhora Carmo conheceu a morte em nome do “progresso”.

“Não foi acidente, a VALE mata peixe, mata rio, mata gente” assim manifesta a palavra de ordem do Movimento dos Atingidos pela Barragem(MAB). No dia 05 de novembro de 2015, o município de Mariana foi palco do maior crime ambiental envolvendo barragens de mineração já registrado mundialmente. Mais de 50 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos de mineração foram lançados no meio ambiente e a onda de lama tóxica causou estragos e devastação irreparáveis ao longo dos rios Gualaxo do Norte, do Carmo e da Bacia do Rio Doce. Vinte vidas foram ceifadas em nome do lucro, “desenvolvimento” e exportação - as comunidades mais afetadas no Município foram Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo, desabrigando centenas de famílias, além da devastação de milhares de hectares de áreas de plantio e de uso para outras atividades produtivas impactadas. Entre todos os atingidos, fica apenas uma pergunta: quanto VALE uma vida?

Vinte pessoas desapareceram na cor amarronzada que tomou conta do que costumava ser Bento Rodrigues e Paracatu de Baixo. A história do distrito de Camargos e dos subdistritos Ponte do Gama, Paracatu de Cima, Pedras, Borba e Campinas também ficaram manchadas de marrom. O ano, agora, é 2017. Além de enfrentar as consequências do rompimento da barragem de Fundão, Mariana se depara com uma crise da sua própria história. Se é pela exploração dos seus minerais que a cidade nasce e cresce, é também por ela que Mariana agora sofre. Já não é mais a mineração levando só o minério de ferro. É a mineração levando gente em um mar de lama. Gente de carne, osso, lutas e sonhos. Levando casas, álbuns de retrato, histórias. É a mineração nos levando e não se sabe até quando. (SOUSA, 2017)<sup>5</sup>

É impossível falar sobre a formação sócio-histórica de Mariana sem mencionar a mineração e como esta prática econômica afeta as relações sociais que se estabelecem por meio do trabalho das mineradoras e do processo de reprodução da força de trabalho influenciando diretamente a população e as políticas públicas sociais do município.

Devido a superexploração da força de trabalho e do meio ambiente a mineração é responsável pela intensificação e criação de novas expressões da “questão social” que recaem sobre a qualidade de vida da população Marianense e saúde da classe trabalhadora, logo as políticas sociais

---

<sup>5</sup>Disponível <https://jornalasurene.com.br/olhar-de-fora/2017/11/29/mariana-uma-historia-com-mineracao>>  
Acesso em 27/06/23

do município são pensadas a fim de amenizar os impactos da mineração na reprodução da vida social.

Serão colocados aqui alguns exemplos de como a formulação e implantação de políticas públicas, especialmente as da área da saúde, são pensadas pela perspectiva da mineração e do crime ambiental. Como em 2019, ano em que o município elaborou o documento ‘‘Atualização do Plano Municipal de Planejamento e Gerenciamento de Ações de Recuperação em Saúde após o Rompimento da Barragem de Rejeito da Samarco em Bento Rodrigues, Mariana–MG’’<sup>6</sup> que estabeleceu as novas políticas de saúde e as metas a serem alcançadas. No mesmo ano que criou a LEI n.º 3.283/2019, que ‘‘Institui, no âmbito do Município de Mariana, a Política Municipal de Práticas Integrativas e Complementares no Sistema Único de Saúde (SUS) e dá outras providências.’’

Além disso, foram criados projetos para acompanhar a saúde da população atingida, como o dispositivo de Saúde Mental e Atenção Psicossocial das famílias atingidas pelo rompimento da barragem de Fundão. Denominada CONVIVER, a equipe multidisciplinar realiza atividade de matriciamento em saúde mental, com atendimentos individuais e coletivos, visitas domiciliares, participação nas reuniões e ações das comissões de atingidos e desenvolvimento de ações voltadas para adaptação e integração das comunidades aos novos territórios.

Vale ressaltar também que, segundo a DAB (Nota Técnica do Departamento de Atenção Básica), em 2015 36,14% da população tinha acesso a planos de saúde e, após o crime ambiental em 2018, apenas 31,68% possuíam plano de saúde. Houve uma queda de 4,81%, determinando que em média mais três mil pessoas passaram a utilizar o SUS na cidade. É importante lançar o olhar sobre a contradição por trás desses dados, uma vez que, ao mesmo tempo, em que as políticas neoliberais avançam, políticas essas essenciais para o crescimento de empresas como a VALE. Existe, por outro lado, o sucateamento do Sistema Único de Saúde (SUS) e a impossibilidade de acesso a redes particulares de saúde para a classe trabalhadora.

Outro ponto interessante é o vínculo empregatício com a VALE, que garante acesso ao plano de saúde AMS (Assistência Médica Supletiva), um dos benefícios oferecidos pela empresa para seus empregados e seus familiares. A empresa responsável por desastres naturais e superexploração da mão de obra do trabalho também garante acesso à saúde aos funcionários. Engana-se quem

---

<sup>6</sup> Disponível em < <https://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/docs/plano-de-acao-mariana.pdf>>  
Acesso em 03/07/2023

pensa que a VALE está preocupada com a saúde dos seus contratados, na realidade essa é apenas uma forma de atrair os trabalhadores, apaziguar os conflitos e passar uma imagem boa para a sociedade. Enquanto as engrenagens do sistema de produção sucateiam o Sistema Único de Saúde (SUS), os trens de mineiros da Samarco enriquecem o plano de saúde AMS (Assistência Médica Supletiva) criado pela própria Vale.<sup>7</sup>

Para mais, é crucial realizar aqui a demarcação racial, que diferencia como diferentes grupos raciais foram e estão sendo impactados pelo modelo do minério-exportação na cidade de Mariana. Esta afirmação se confirma uma vez que a mineração se estabelece por meio da exploração da mão de obra escravizada e, após a abolição pessoas negras passam a ocupar os cargos mais precários, como os trabalhadores de “chão de fábrica” maioria terceirizados sem vínculo empregatício direto com a VALE. Outro ponto importante é que a maioria da população que mora ao redor da exploração das terras minerais e sofre mais risco com crimes ambientais são pessoas negras.

Desde o início da cobertura da mídia sobre a tragédia de Mariana (na televisão, nos jornais e, principalmente, na internet) saltaram aos olhos dos espectadores mais atentos um padrão de cor da pele no grupo de atingidos entrevistados e fotografados. A predominância de negros diretamente atingidos pela massa de lama oriunda da barragem, pelo menos aparentemente, parecia uma pista importante a ser considerada sobre a característica das comunidades soterradas ao longo do curso dos rios Gualaxo do Norte e do Carmo e sobre a possibilidade de um debate mais consistente em torno da noção de racismo ambiental. Essa noção contradiz o argumento de que os desastres socioambientais, e o de Mariana-MG especificamente (resultante da negligência da companhia mineradora), são igualmente distribuídos afetando do mesmo modo as diferentes raças e classes de renda. Todavia, o que se constata é que uma carga desproporcional dos riscos e dos impactos sociais ambientais recai sobre os grupos étnicos mais vulneráveis.(JARDIM,2015,p.1)

Além disso, outro rebatimento desta relação entre o racismo e mineração é a segregação territorial da cidade, que implica diretamente na oferta e acesso aos serviços públicos municipais. Bairros como Santo Antônio (Prainha) e Cabanas são excluídos sistematicamente do centro de Mariana. Um exemplo claro desta exclusão sistemática é o Serviço de Atendimento Médico Domiciliar (SAD) presente na cidade, que não atende estes bairros da cidade.

O SAD oferece o atendimento às seguintes localidades da cidade: Colina, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida, Cristais, Dandara, Vila Aparecida, Rodovia do Contorno, São Gonçalo, Centro, Vila do Carmo, Cruzeiro do Sul, Galego, Matadouro, Santana, Vila Maquiné, Dom Oscar, Rosário (algumas ruas), São Pedro, Fonte da Saudade, Samitri, Marília de Dirceu, Morada do Sol, Barro Preto,

---

<sup>7</sup> Saúde AMS Assistência Médica Supletiva Operadora: **Vale S/A** Registro na ANS: 34569-5 CNPJ: 33.592.510/0001-54

Por fim, há uma quantidade expressiva de pessoas negras (pretas e pardas) em situação de internação social no Hospital São Camilo Monsenhor Horta (HMH). A relação entre a quantidade de homens e mulheres é congênere. O próximo capítulo irá discorrer e desenvolver quais conclusões, inquietações e possíveis saídas surgem destas relações apresentadas, o que foi e se tornou a vida de mulheres negras em Mariana-MG acometidas pela internação social no Hospital São Camilo Monsenhor Horta (HMH).

### **3. Relato de experiência, perfil das usuárias da internação social e o sofrimento de pessoas negras.**

*Meu choro não é nada além de carnaval. É lágrima de samba na ponta dos pés. A multidão avança como vendaval. Me joga na avenida que não sei qual é (...) Na chuva de confetes, deixo minha dor.*

*Na avenida, deixei lá, a pele preta e a minha voz.*

*Na avenida, deixei lá, a minha fala, minha opinião.*

*A minha casa, a minha solidão*

*Joguei do alto do terceiro andar  
Quebrei a cara e me livrei do resto  
dessa vida. Na avenida, dura até o fim.  
Mulher do fim do mundo.  
(trecho da música : Mulher do Fim do Mundo; autoria : Elza Soares)*

Inicialmente, este capítulo irá expor um relato pessoal responsável por dar início a todo processo de produção deste trabalho, por isso será utilizada linguagem pessoal e em primeira pessoa. Relato que conta a história de uma mulher do fim do mundo, mulher preta cujo choro não é nada além de carnaval, arrastada pela multidão que deixou sua fala e se vestiu de solidão, mulher que “quebrou a cara” e se livrou do resto dessa vida, dura até o fim, mulher do fim do mundo. Aqui, busca-se traçar uma pequena homenagem, lembrança e história da

---

<sup>8</sup> Disponível em [Território Notícias-Serviço de Atendimento Médico Domiciliar \(SAD\) é ofertado pela Prefeitura Municipal de Mariana \(territoriopress.com.br\)](http://territoriopress.com.br)



minha trajetória ao estagiar no hospital, pequena, porém ostensiva — tempestuosa, revolta, inquietação.

No dia 05 de junho de 2023, comecei o estágio realizando um treinamento de segurança do trabalho, depois, no 06 de junho de 2023, o treinamento no setor de Programa de Controle de Infecção (CCIH). No dia sete, comecei a me familiarizar com a instituição, tive a primeira conversa com minha supervisora sobre como seria a atuação do assistente social no hospital.

Logo nos primeiros dias tive contato com meu primeiro caso de “internação social”, isto é, quando o paciente recebe alta clinicamente está em condições de voltar para casa e sair do hospital, mas por alguma situação social fica impossibilitado de receber a alta social dada pela Assistente Social do HMH, exemplos são os casos de abandonos de idosos, pessoas em situação de rua, violência, pessoas em situação de vulnerabilidade social, etc. Dentre estes casos pude perceber uma semelhança inquietante e estarrecedora, todos pacientes em “internação social” são pessoas negras.

A princípio, o incômodo resolvia-se com conversas, discussões com minha supervisora, em suma, tentado responder por que, por que pessoas negras eram as únicas em internação social? A resposta parece óbvia, mas ao longo dos dias e dos atendimentos a complexidade crescia. Surge agora outra questão — O que levou estas pessoas negras a estarem em internação social? E mais, por que este grupo estava em estado de sofrimento e adoecimento tão cedo? O que causa este sofrimento? Por que as pessoas negras sofrem mais que os outros sujeitos?

Estas perguntas me tomavam os dias e pensamentos, a “chave virou” quando a partir da participação do “Projeto de Extensão: Ações e Práticas Antirracistas no Exercício Profissional” coordenado pela professora Adriana Mesquita estive em uma aula sobre saúde mental e sofrimento de mulheres negras, o que antes eram pensamentos tomam forma. Mulheres negras estão em estado de sofrimento e adoecimento devido às relações sociais, raciais e de trabalho impostas pelo modelo de produção capitalista. Agora, entra a personagem principal desta história, L. Todo relato está sendo construído a partir dos relatórios feitos ao longo do período, os nomes da história serão preservados conforme a ética profissional e preservação dos usuários, sendo utilizadas apenas a inicial para representá-los.

L., nascida no dia onze de dezembro de 1976, estaria nesta data com quarenta e seis anos. Deu entrada no hospital São Camilo Monsenhor Horta no dia trinta de março de 2023 devido

a um Acidente Vascular Cerebral (AVC), no dia três de abril foi transferida para a Santa Casa de Ouro Preto para realizar procedimentos hospitalares, no dia 11 de abril retorna ao HMH.

A paciente teve sequelas do AVC, perda de movimentos e da fala, por isso, ficou dependente de auxílio para realizar atividades diárias, vale ressaltar, que durante este período de internação estava sem nenhum acompanhante no hospital e que possuía dois irmãos, sua filha C. menor de idade estando com quinze anos e seu namorado A. com setenta e quatro anos.

No dia treze de abril, L. já estava com alta prevista pela equipe médica para os próximos dias. Nesse sentido, o setor de Serviço Social havia tentado contato com todos os familiares, porém, sem sucesso. No dia quatorze de abril, foi possível conversar com o irmão de L., que se comprometeu a ir ao hospital no dia dezessete de abril, contudo, nunca apareceu. Dezoito de abril, a paciente se encontrava em condição de alta hospitalar. Neste momento, iniciou-se a articulação e trabalho em rede com CRAS de referência, todos os números de familiares foram encaminhados e, após muitas negociações e acordos, A. (namorado de L) aceita recebê-la na sua casa para dar continuidade ao tratamento.

Dia vinte e três de julho de 2023, a paciente retornou ao hospital, trazida pelo SAMU, sem acompanhante e sem nenhuma documentação. A equipe imediatamente tentou estabelecer contato com a família solicitando documentação e acompanhante para a paciente, porém sem sucesso. A partir de agora conheço e começo a acompanhar L. conjuntamente com a minha supervisora. O setor de serviço social entra mais uma vez em contato com o CRAS, a fim de conseguir apoio. O equipamento também tentou estabelecer contato e planejou uma busca ativa para solicitar a presença dos familiares na unidade hospitalar com os documentos da paciente.

Quatro de julho, após visita domiciliar da A.S. do CRAS, N. (cunhada da paciente) compareceu ao hospital com os documentos, porém não demonstrou nenhum interesse em visitar L. e expressava veementemente o desejo de interná-la em uma Instituição de Longa Permanência (ILP), mesmo que a paciente não possuísse idade suficiente. Ainda segundo C. ‘se os irmãos não se importavam, porque eu vou me importar’(SIC).

Neste mesmo dia, durante o atendimento social L. apenas respondia aos comandos de, sim, ou não com a cabeça devido às sequelas do AVC, apesar disso, era notório que ela estava com o humor deprimido, chorando muito, muito inquieta, parecia entender tudo que estava acontecendo, e que era só o começo dessa longa e triste história. Ela permaneceu internada,

cadastrada no SUS fácil, necessitando de transporte para realizar um procedimento em outra unidade hospitalar, no qual precisava obrigatoriamente de um acompanhante. Diante disso, foi solicitado novamente apoio do CRAS para contato com a família.

Dia oito de agosto, em busca de resolução houve mais uma conversa com o CRAS que também relatou a dificuldade de fortalecimento de vínculo deste núcleo familiar, uma vez que todos são perpassados pelos reflexos das expressões da “questão social” produzidas pelo próprio modelo de produção capitalista. O único que estaria disposto a recebê-la seria seu namorado A. um senhor de setenta e quatro anos que vivia em contexto social de extrema vulnerabilidade e ainda necessitando manter vínculos empregatícios, mesmo com idade avançada — apesar da vontade A. também não tinha condições de financeiras para arcar com cuidadores enquanto o mesmo trabalhava e não compareceu aos últimos atendimentos marcados pelo CRAS.

Além disso, é discutido e sinalizado que o município não possui nenhum equipamento ou serviço que recebia a paciente em suas atuais condições e que o próximo passo a ser dado seria o encaminhamento do caso para o Ministério Público. Dessa forma, foi solicitado o parecer jurídico do hospital sobre o caso. No mesmo dia, o setor jurídico do hospital enviou o caso para a promotoria pública de Mariana. No dia 14 de setembro de 2023, o CREAS entrou em contato com o setor de Serviço Social solicitando todos os relatórios e informações necessárias sobre a paciente, visto que a promotoria requereu um parecer do caso para o CREAS — todos os relatórios foram encaminhados no mesmo dia. Enquanto isso, L. permanecia hospitalizada, desacompanhada e em condições de alta hospitalar.

Três de outubro é estabelecido contato com CREAS novamente, porém sem respostas efetivas para a situação. No dia nove de novembro, o CREAS informou mais uma vez que não houve nenhuma evolução no caso, que os familiares não se responsabilizaram ou não possuíam condições para prestar os devidos cuidados com a paciente em domicílio. O CREAS informou também que encaminhou o relatório para o Ministério Público, pressionando enfatizando que o município não dispõe de nenhum equipamento que atenda e receba as demandas de L.

Ao longo dos cinco meses de internação da paciente, observa-se frequência reduzida de visitas, com pouca ou quase nenhuma presença de membros familiares no ambiente hospitalar. L. demonstrava tristeza evidente e compreensão da situação, contudo, se encontrava incapaz de modificar seu contexto atual — alguns dias colocamos músicas para

ela, de preferência pagode (escolhido por L.) na tentativa de amenizar o seu sofrimento que já perdurava muito tempo.

Uma luz no fim do túnel. Dia vinte de novembro — coincidência ou não, dia Consciência Negra — o Ministério Público ajuizou uma ação de medida protetiva e internação para estabelecer os cuidados com a paciente, e em caso de descumprimento o município iria receber uma multa diária de mil reais, faltava apenas a determinação da juíza. Esta informação chegou para o setor de Serviço Social no dia primeiro de dezembro.

Todas as luzes se apagaram

*Quebrei a cara e me livrei do  
resto dessa vida. Na avenida, dura  
até o fim. Mulher do fim do  
mundo. Eu sou, eu vou até o fim  
cantar. Mulher do fim do mundo  
Eu sou, eu vou até o fim cantar  
Cantar. Eu quero cantar.  
Até o fim, me deixem cantar até o  
fim. Até o fim, eu vou cantar  
Eu vou cantar até o fim.*

*Eu sou mulher do fim do mundo  
Eu vou, eu vou, eu vou cantar  
Me deixem cantar até o fim  
Até o fim eu vou cantar.  
Eu quero cantar, eu quero é cantar*

*Eu vou cantar até o fim  
Me deixem cantar até o fim  
Me deixem cantar até o fim  
Me deixem cantar  
Me deixe cantar até o fim.  
(trecho da música : Mulher do Fim  
do Mundo; autoria : Elza Soares)*

Cinco de dezembro nos deixou, com os batimentos a 289 minutos, em decorrência de uma infecção hospitalar. “L. pode ir descansar, aqui vai ficar tudo bem” estas foram as últimas palavras da minha supervisora. Mulher do fim do mundo, se livrou do resto dessa vida, cantou até o fim. Deixem-na cantar até o fim.

Este foi apenas um relato de experiência, mas faz-se necessário aqui o levantamento de dados que comprovam a relação racial entre as internações sociais. Por isso, foi feito um regaste de todas as internações sociais no período entre julho de 2022 e julho de 2024, mês em que terminei o estágio. Após a análise e resgate, foi criada uma tabela com a relação de gênero, etnia, idade, motivo social e período de internação.

TABELA DE INTERNAÇÃO SOCIAL PERÍODO DE  
JULHO DE 2022 - JULHO de 2024

PACIENTE	GÊNERO	ETNIA	IDADE	MOTIVO SOCIAL	PERÍODO DE INTERNAÇÃO
J.C	FEMININA	NEGRA	24	VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECIDO/INEXISTENTE	TRÊS MESES (17 de Janeiro de 2023- 10 de Março de 2023)
J.J.B	MASCULINO	NEGRO	81	ABANDONO FAMILIAR	QUATRO MESES (04 de Setembro 2022 - 21 de dezembro)
W.D	MASCULINO	NEGRO	21	SAÚDE MENTAL/ VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECIDO	QUATRO MESES (20 de Julho 2022 - 06 de Outubro de 2022)
W.S.O	MASCULINO	NEGRO	45	SITUAÇÃO DE RUA	UM MÊS (17 de Junho de 2023 - 10 de Julho de 2023)
C.O.B	MASCULINO	NEGRO	45	VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECIDO DEVIDO USO DE EXCESSIVO DE ÁLCOOL /SITUAÇÃO DE RUA	DUAS SEMANAS - DEPOIS RETORNAR AO HOSPITAL E VEM A ÓBITO
M.P	FEMININO	NEGRA	48	SAÚDE MENTAL/TENDÊNCIA DE AUTOEXTERMÍNIO/ VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECIDO	DOIS MESES (18 de Julho de 2023 - 08 de Agosto de 2023)

				DO	
L.P.P	FEMININO	NEGRA	46	ABANDONO FAMILIAR/ ESTATAL	SEIS MESES (23 de Junho de 2023 - 05 de Dezembro veio a óbito no hospital)
C.S.F	FEMININO	NEGRA	34	SITUAÇÃO DE RUA/ PUÉRPERA/A BANDONO ESTATAL	TRÊS SEMANAS (28 de Setembro de 2023 - 13 de Outubro de 2023)
H.F.S	MASCULINO	NEGRO	50	SITUAÇÃO DE RUA	SEIS MESES (15 de Julho de 2023- 22 de Dezembro de 2023)
S.V	FEMININO	NEGRA	51	VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECIDO E CONFLITUOSO	DOIS MESES (18 de Agosto de 2023 - 27 de Outubro veio a óbito no hospital)
E.A.S	FEMININO	NEGRA	49	VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECIDO/ SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE SOCIAL EXTREMA	DOIS MESES (26 de Agosto de 2023- 05 de Outubro de 2023)
G.S.B	MASCULINO	NEGRO	49	SITUAÇÃO DE RUA DEVIDO QUADRO DE TRANSTORNAMENTO MENTAL	DOIS MESES (23 de Abril de 2024- 07 de Junho de 2024)
B.H.S	MASCULINO	NEGRO	27	VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECIDO/ SITUAÇÃO DE VULNERABIL	UM MÊS (06 de Fevereiro - 12 de Março veio a óbito no hospital)

				IDADE SOCIAL EXTREMA/USO ABUSIVO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS/ABANDONO ESTATAL	
V.S	FEMININO	NEGRA	46	VIOLÊNCIA	UM MÊS (21 de Outubro de 2023 - 28 de Outubro 2023)
J.B.S.R	FEMININO	NEGRA	26	SITUAÇÃO DE RUA/ABANDONO ESTATAL	QUATRO MESES (16 de Dezembro de 2023- 05 de Março evasão hospitalar )
S.A.F	MASCULINO	NEGRO	17	SAÚDE MENTAL	DUAS INTERNAÇÕES SOCIAIS EM 2024 (27 de Janeiro - 20 de Fevereiro/ 31 de Maio - 07 de Junho)
C.C	FEMININO	BRANCA	18	SAÚDE MENTAL	26 de Janeiro 2024 - 09 de Fevereiro saiu do hospital, retorna para casa e após denúncia de maus tratos ao CREAS. Interna novamente na policlínica onde fica por aproximadamente quatro meses (informações da rede)
J.W.A	MASCULINO	NEGRO	26	ABANDONO ESTATAL	26 de Março de 2024 - Se encontra internado até o presente momento 30/07/2024
A.M.S	MASCULINO	BRANCO	52	SITUAÇÃO DE	TRÊS DIAS

				RUA/ NECESSITAN DO DE CUIDADO ESPECÍFICO PARA QUESTÕES DE SAÚDE	18 de Maio - 21 de Maio foi recebido em um casa de apoio em outro Município
G.S.O	FEMININO	NEGRA	32	VIOLÊNCIA/V ULNERABIL IDADE SOCIAL/ TRANSTORN O PSICÓTICO	25 de Abril de 2024, não aceitou a alta devido a medo de violência no local de trabalho 9 casa noturna), foi avaliada pelo CAPS - 29 de Abril recebeu alta retornou Ponte Nova
L.E.S	MASCULINO	NEGRO	26	VÍNCULO FAMILIAR ENFRAQUECI DO/ SITUAÇÃO DE VULNERABIL IDADE SOCIAL EXTREMA/US O ABUSIVO DE SUBSTÂNCIA S PSICOATIVAS	08 de Junho - Se encontra internado até o presente momento 30/07/2024
A.C	MASCULINO	BRANCO	87	ABANDONO ESTATAL/ FAMÍLIA SEM RENDA PARA PRESTAR OS DEVIDOS CUIDADOS A SAÚDE DO IDOSO	08 de Junho - 22 de Junho veio a óbito no hospital.

LEGENDA DA TABELA : COR/MOTIVO

**AZUL** : ANTES DO PERÍODO DE ESTÁGIO



**AMARELO :** INTERNADA COM NÚCLEO FAMILIAR

**CINZA :** MORTE DURANTE PERÍODO DE INTERNAÇÃO

Com base nos dados apresentados na tabela, é possível perceber uma relação explícita entre o perfil étnico dos pacientes e a internação social no Hospital São Camilo Monsenhor Horta. Ao todo, foram vinte e dois pacientes durante julho de dois mil e vinte e dois a julho de dois mil e vinte e quatro, com ênfase em dois mil e vinte e três e dois mil e vinte e quatro, intervalo no qual as internações aumentaram. Dentre esses pacientes, dezenove eram pessoas negras (pretos e pardos) — nove mulheres, dez homens — e apenas três pessoas brancas passaram pela internação social neste período, dois homens e uma mulher.

Aqui se comprova que mulheres e homens negros adoecem mais e estão em maiores situações de vulnerabilidade social, econômica, cultural, política e familiar do que pessoas brancas. Sendo assim, pode-se dizer que pessoas negras estão passando por um estado de sofrimento, seja ele mental, físico ou patológico, devido às condições materiais e imateriais da vida social geradas pelo próprio sistema. Uma vez que o capitalismo não cria o racismo, contudo se apropria deste mecanismo para continuar se reproduzindo e produzindo, como foi apresentado nos primeiros capítulos.

Agora, faz-se necessário entender o que causa este adoecimento/sofrimento e, porque ele acomete de forma intensificada entre homens e mulheres negras. Vale lembrar que a seguinte análise parte do pressuposto de que o sofrimento é lido aqui como uma das contradições intrínsecas às relações sociais, econômicas, políticas e de trabalho geradas pelo capitalismo.

*Cê quer saber? Então, vou te  
falar. Por que as pessoas  
sadias adoecem? Bem  
alimentadas, ou não. Por  
que perecem?  
(Trecho da música: “Ainda  
Há Tempo, autoria: Criolo)*

O "Ser Social", de acordo com Marx, é produto das transformações históricas, condições sociais e de classe — o homem é condicionado pela classe a que pertence — além de se desenvolver a partir do trabalho. O trabalho é entendido como o processo de transformação da natureza para atender a necessidades humanas e constituição do ser social — atividade idealizada, projetada, coletiva — diferenciando o Ser Social dos outros animais.

O trabalho é inerente à existência humana, no entanto, o trabalho no sistema de produção capitalista adquire uma relação de troca através do salário, onde o trabalhador vende sua força de trabalho e recebe um valor médio equivalente apenas a uma parcela da jornada de trabalho, o restante das horas a mais trabalhadas são transformadas em mais-valia (lucro) para o contratante. Por meio do dinheiro, todos os produtos fruto do trabalho são igualados, isto é, todos tornam-se dinheiro. Isso significa que, ao final do processo de trabalho, o trabalhador não reconhece seu produto, o trabalho e o trabalhador são estranhos e a produção perde o sentido, ao transformar em algo automatizado e coisificado — a obrigação de produzir aliena a paixão de criar.

A partir disso, o trabalhador fica cada vez mais imerso nesta relação de troca — após receber o salário, as trocas são feitas por mercadorias que atendam as necessidades deste trabalhador e do seu núcleo familiar. No entanto, a grande maioria dos trabalhadores não recebe salário compatível com os gastos necessários para se reproduzir e atender suas necessidades, ficando restrito à sobrevivência. Quando sobreviver lhes escapa pelas mãos, sobra o desespero, o medo, a doença, a fome, o sofrimento, uma vez que a privação de renda implica na privação de acesso e na falta de condições de atender as necessidades básicas, isto gera uma instabilidade social, política, econômica e cultural na classe trabalhadora e nos filhos da classe trabalhadora.

A instabilidade social é o modo de vida para a classe trabalhadora, e esta situação instável representa um verdadeiro desastre para a existência humana do trabalhador que é desprovido de propriedade, eixo do sentimento de insegurança na sociedade burguesa. Esse sentimento de insegurança em uma sociedade instável promove a dissolução dos laços sociais e aniquila paulatinamente as estruturas psíquicas dos indivíduos. (CARMO, 2012,p.68).

“A insegurança social transforma a vida num combate pela sobrevivência, sendo a saída cada vez mais incerta, pois trabalhadores não possuem o mínimo controle sobre o que lhes acontece. (CASTEL,2005).” Dessa forma, é possível dizer que o adoecimento psíquico ou físico se intensifica devido às condições e rebatimentos das relações sociais e de trabalho, pelo sistema político e econômico, pela falta de acesso aos bens de consumo, acesso à educação, saúde, lazer, moradia, etc. Outro ponto, são as relações de trabalho que são cada vez mais frágeis e voláteis, por isso, não estabelecem vínculos e não conseguem garantir nenhum planejamento familiar, nenhuma perspectiva para o futuro e/ou velhice. “Viver cada dia como se fosse o último” tornou-se mais que uma filosofia “carpe diem”, porque isto é uma realidade posta uma vez que a capacidade de sonhar e esperar foi tirada, não existe, o outro dia pode não chegar.

Diante do exposto, é possível concluir que os rebatimentos dos meios de vida e trabalho no capitalismo são responsáveis por criar e agravar o sofrimento e adoecimento da classe trabalhadora. Faz-se necessário agora resgatar algumas colocações do primeiro capítulo que estruturam a consolidação do sistema de desigualdades raciais e as condições de trabalho em meio ao neoliberalismo atual em países de capitalismo dependente, como no Brasil.

“Queria um emprego, só consegui um subemprego. Queria casar, consegui uma sub mulher. Tiveram sub-filhos. Subnutridos. Para conseguir ajuda, só entrando em fila. E a ajuda não ajudava. (Veríssimo,2006)”. Após a “abolição”, a instituição e o desenvolvimento do trabalho livre assalariado no país foram deixados aos negros (pretos e pardos) a competição descabida com a força de trabalho imigrante já acostumado com está nova forma de trabalho, a desocupação, o trabalho precarizado, a marginalização dos homens negros e a sexualização das mulheres negras.

O racismo no Brasil foi determinante por definir o lugar e espaço do corpo negro no mercado de trabalho, restrito a informalidade, a precarização, a inocupação, a marginalização, o afastamento físico dos grandes centros urbanos, e quando consegue se inserir no mercado de trabalho as condições são mais degradantes e exploratórios — os espaços de trabalho rejeitos pelos trabalhadores brancos.

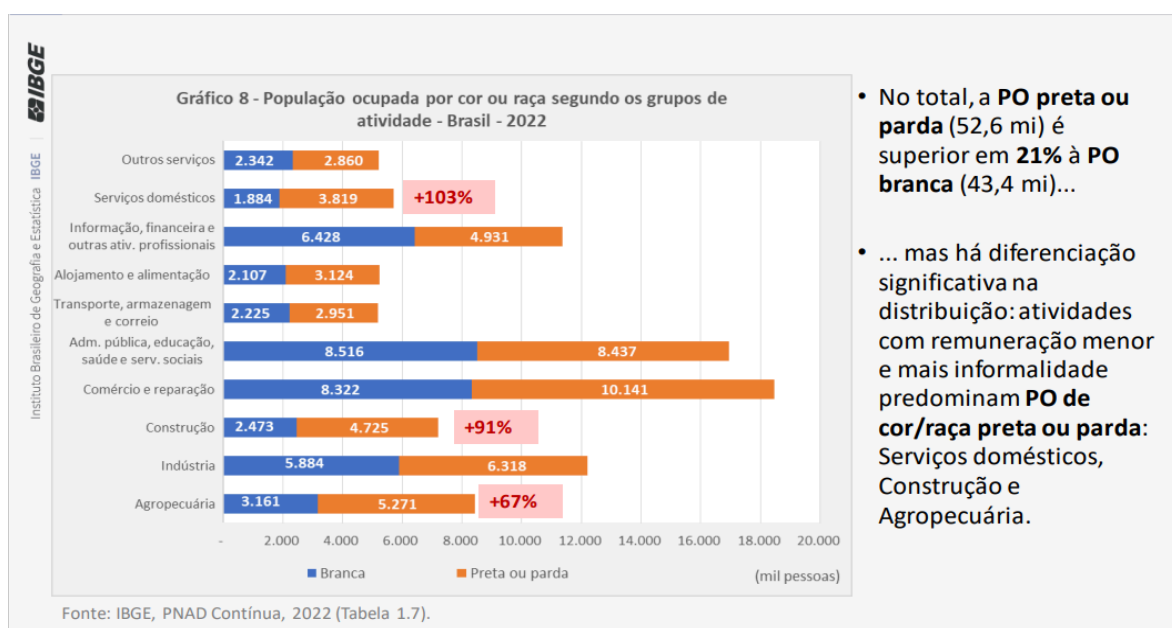
Nesse contexto, as desigualdades raciais no mercado de trabalho brasileiro também estão relacionadas ao avanço do modo de produção capitalista, ao crescimento da produção e à extração da mais-valia por meio da exploração da força de trabalho

enraizada no sistema colonial e depende. [...] o trabalho sem garantias, mal pago, está se alastrando como uma mancha de óleo, ao passo que mesmo o trabalho mais estável está sofrendo uma pressão em direção à intensificação sem precedente da plena disponibilidade para uma submissão aos mais diversificados horários de trabalho. (MÉSZÁROS, 2006, p. 37)

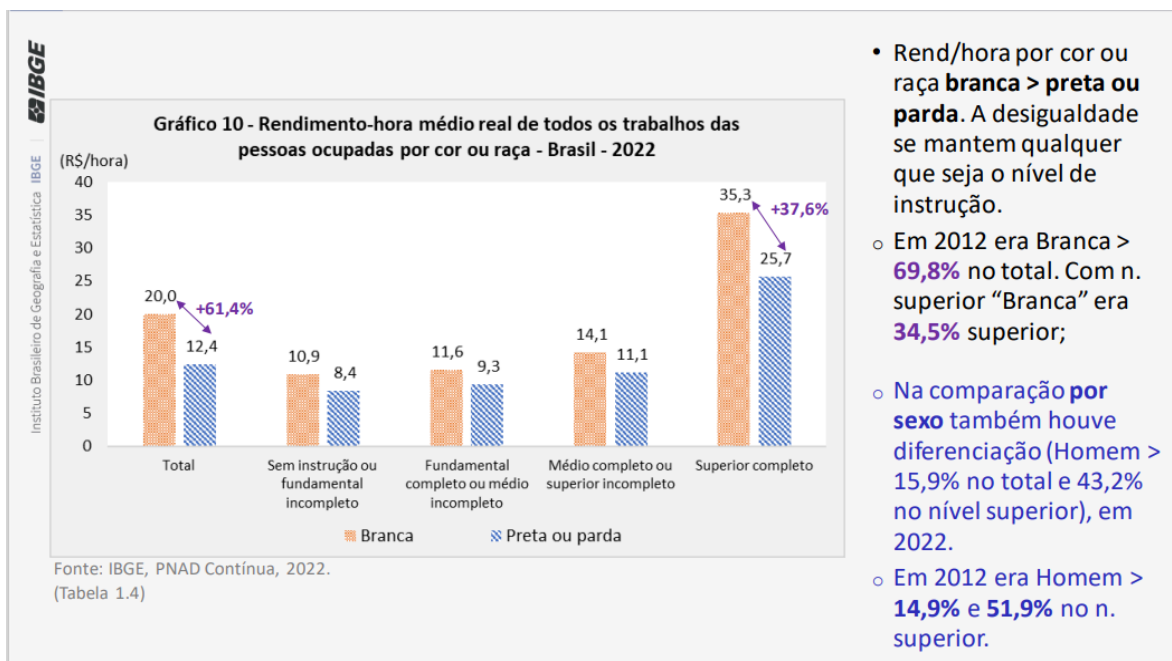
Estas novas formas de trabalho carregam a precarização e a flexibilização como elementos estratégicos dominante do capital no paradigma pós-fordista, flexibilização determina o estabelecimento de salários mais baixos, condições degradantes de trabalho, dificuldades para garantir a reprodução material e subjetiva do “Ser Social”. Os rebatimentos no mundo do trabalho atingem de modo geral a classe trabalhadora, contudo não afetam igualmente negros (pretos e pardos) e brancos.

É imprescindível comprovar as condições de vida e trabalho da população negra no Brasil, especialmente de mulheres negras, para isso será apresentado a “Síntese de Indicadores Sociais da População Brasileira” análises retiradas do último censo de 2012 a 2022 do IBGE, como também dados do Ministério da Saúde acerca da “Taxa de mortalidade por suicídio por 100 mil hab., segundo sexo e raça/cor — Brasil, 2011–2015” e pelo Atla da Violência 2023/2024 do IPEA.

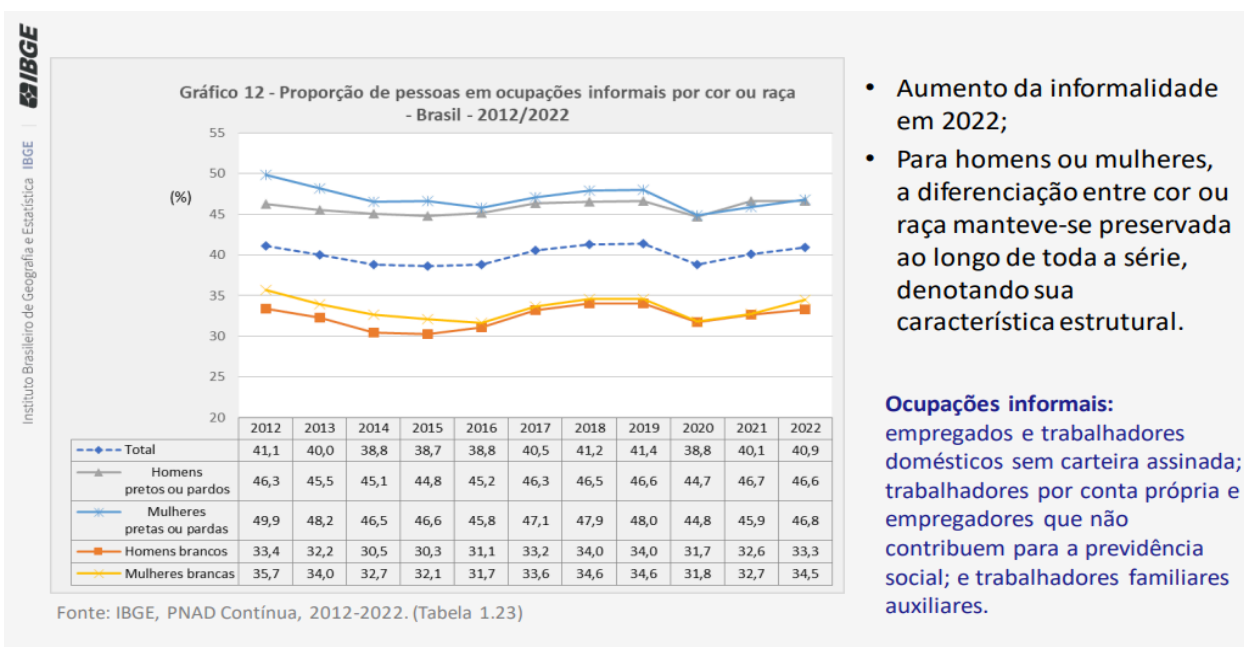
TAB 1. População ocupada por cor ou raça os de atividade - Brasil - 2022



TAB 2. Rendimento-hora médio real de todos os trabalhos das pessoas ocupadas por cor ou raça - Brasil - 2022



TAB 3. Proporção de pessoas em ocupações informais por cor ou raça -Brasil - 2012/2022



TAB 4. População ocupada e subocupação por insuficiência de horas - Brasil - 2022

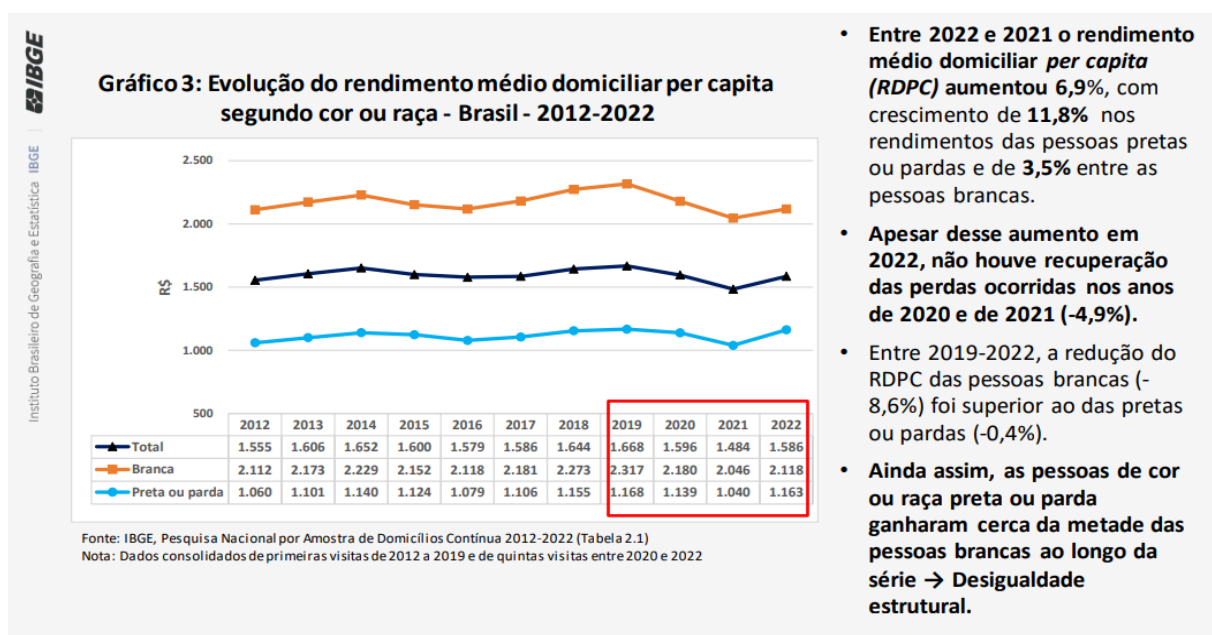
Características selecionadas	População (1.000 pessoas)		Proporção subocup. /ocupados (em p. p.)
	Ocupada	Subocupada por insuficiência de horas	
<b>Brasil</b>	96.982	6.120	6,3
<b>Cor ou raça e sexo (1)</b>			
Homem branco	23.888	912	3,8
Homem preto ou pardo	31.082	1.960	6,3
Mulher branca	19.468	1.165	6,0
Mulher preta ou parda	21.512	2.029	9,4
<b>Grupos de idade</b>			
14 a 29 anos	26.361	1.980	7,5
30 a 49 anos	48.634	2.930	6,0
50 a 59 anos	15.145	881	5,8
60 anos ou mais	6.843	329	4,8
<b>Nível de instrução</b>			
Sem instrução ou fundamental incompleto	19.950	1.812	9,1
Ensino fund. completo ou médio incompleto	14.003	1.084	7,7
Ensino médio completo ou superior incompleto	41.111	2.350	5,7
Ensino superior completo	21.919	873	4,0

Fonte: IBGE, PNAD Contínua, 2022. (Tabela 1.1 e 1.3)

**Subocupação por insuf. de horas:** pessoas que trabalhavam menos de 40h., gostariam de trabalhar mais e estavam disponíveis.

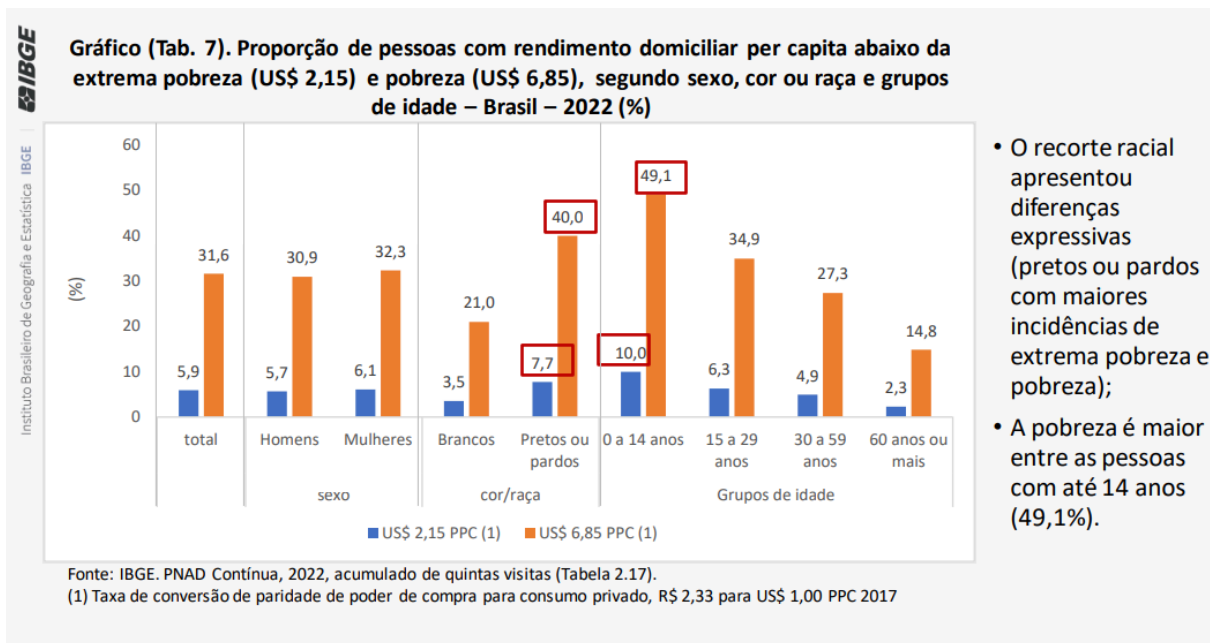
- Em 2022, o total de pessoas subocupadas foi **6,1 milhões**, ou **6,3%** da população ocupada total;
- A maior incidência *absoluta e relativa* ocorre entre **mulheres** de cor ou raça **preta ou parda**
- Proporções maiores também ocorrem entre os mais **jovens (14-29 anos)** e pessoas com **ensino fundamental incompleto ao médio incompleto**.

TAB 5. Evolução do rendimento médio domiciliar per capita segundo cor ou raça - Brasil - 2012 -2022



- Entre 2022 e 2021 o rendimento médio domiciliar *per capita* (RDPC) aumentou **6,9%**, com crescimento de **11,8%** nos rendimentos das pessoas pretas ou pardas e de **3,5%** entre as pessoas brancas.
- Apesar desse aumento em 2022, não houve recuperação das perdas ocorridas nos anos de 2020 e de 2021 (-4,9%).
- Entre 2019-2022, a redução do RDPC das pessoas brancas (-8,6%) foi superior ao das pretas ou pardas (-0,4%).
- Ainda assim, as pessoas de cor ou raça preta ou parda ganharam cerca da metade das pessoas brancas ao longo da série → Desigualdade estrutural.

TAB 6. Proporção de pessoas com rendimento domiciliar per capita abaixo da extrema pobreza e pobreza, segundo sexo, cor ou raça e grupos de idade.



TAB. 7 Violência contra Pessoas Negras - IPEA

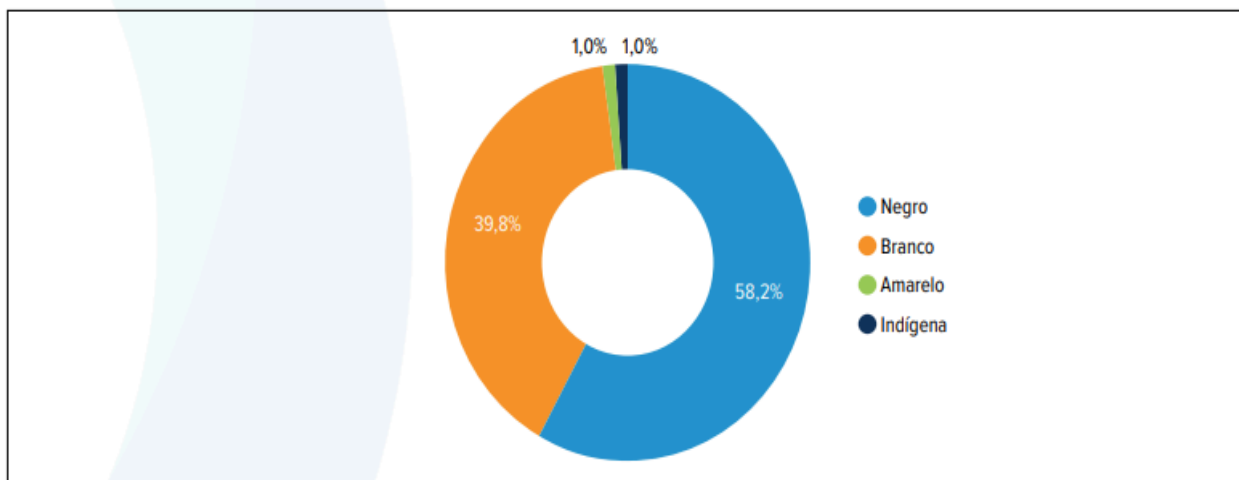


Fonte : IPEA - Atlas da Violência

TAB. 8 Percentual de mulheres vítimas de violência doméstica e intrafamiliar por raça/cor 2022

GRÁFICO 5.5

Brasil: Percentual de mulheres vítimas de violência doméstica e intrafamiliar por raça/cor (2022)

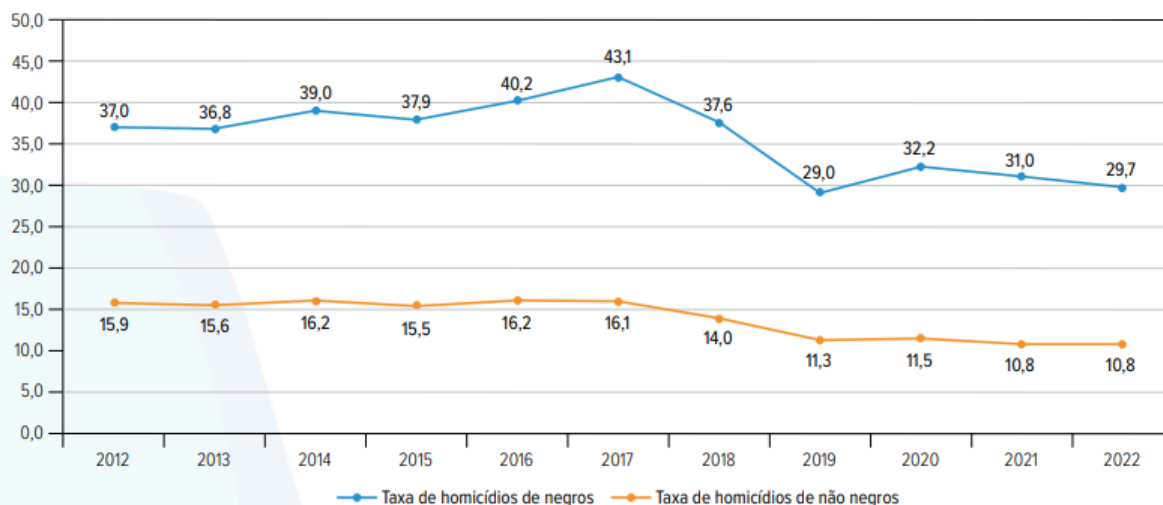


Fonte: Sinan/MS. Elaboração: Diest/lpea e FBSP. Nota: Microdados do Sinan referentes a 2022 são preliminares e foram coletados em fevereiro de 2024.

TAB. 9 Taxa de homicídios registrados de negros e não negros por 100 mil habitantes 2012 a 2022

GRÁFICO 6.1

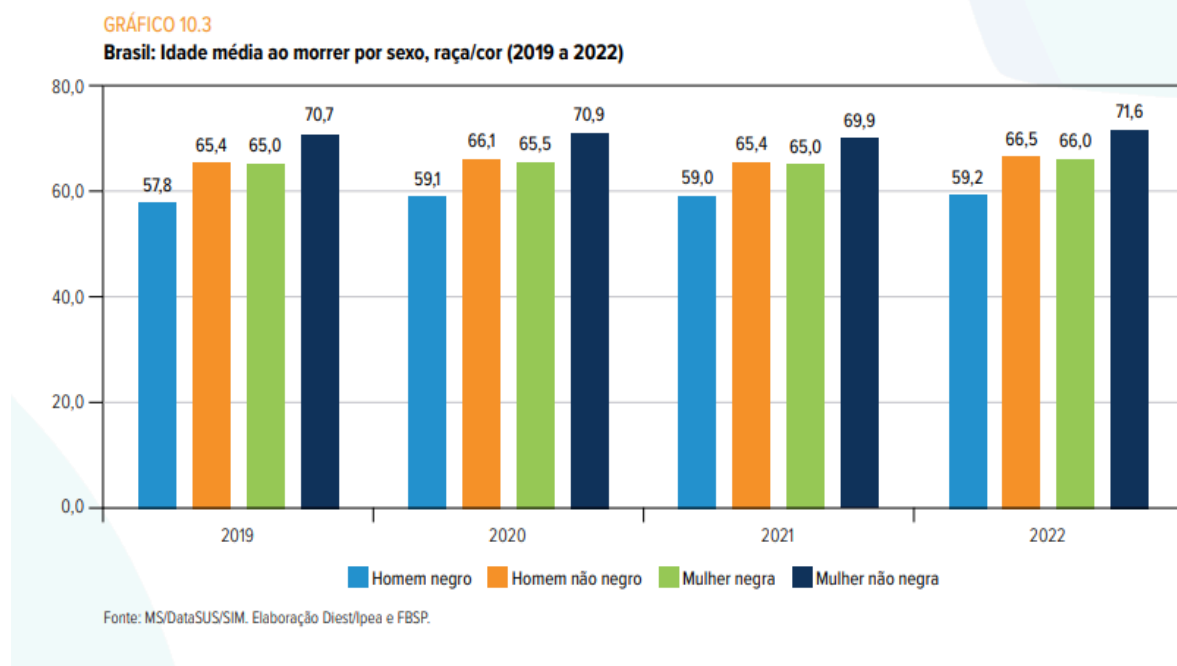
Brasil: Taxa de homicídios registrados de negros e de não negros por 100 mil habitantes (2012 a 2022)



Fonte: IBGE - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNADc) e MS/SVS/CGIAE - Sistema de Informações sobre Mortalidade - SIM. O número de homicídios foi obtido pela soma das seguintes CIDs 10: X85-Y09 e Y35 - Y36, ou seja, óbitos causados por agressão, intervenção legal e operações de guerra. O número de negros foi obtido somando pardos e pretos, enquanto o de não negros se deu pela soma dos brancos, amarelos e indígenas, todos os ignorados não entraram nas contas. Elaboração Diest/lpea e FBSP.



TAB. 10 Idade média ao morrer por sexo, raça , cor 2019 a 2022



Os dados apresentados nas tabelas permitem afirmar que há uma notória segmentação racial no mercado de trabalho. Trabalhadores brancos ocupam majoritariamente os cargos com carteira assinada, espaços menos precarizados com maiores remunerações, além de sofrerem menos violências e estarem mais presentes nos cursos de formação superior. Em contraste, trabalhadores negros (pretos e pardos) predominam empregos sem carteira assinada, ensino superior incompleto, sofrem mais homicídios e cometem mais suicídios. Isto evidencia a situação de vulnerabilidade dos trabalhadores negros no mercado de trabalho, marcada pela predominância de vínculos informais e condições de trabalho extremamente precárias.

As análises também refletem a reprodução das desigualdades estruturais do capitalismo, que colocam os trabalhadores negros em posições de maior instabilidade e menor proteção social — trabalho precarizado e superexplorado, impossibilita a produção e a reprodução da vida material e imaterial. Além disso, outros reflexos da divisão racial nos espaços laborais são o sofrimento pessoas negras — segundo a Cartilha publicada pelo Ministério da Saúde em 2019 a população de adolescentes e

jovens negros tem 45% mais chances de cometer suicídio e a cada dez adolescentes que se suicidam, seis são negros. ‘‘O racismo imprime uma distribuição desigual dos bens materiais, possibilidades de representação de si e do mundo, afeto, sofrimento, negação e, sobretudo, da morte (FAUSTINO, 2019)’’ — o corpo negro é o ‘‘não corpo’’, um corpo estranho num mundo estranhado.

Frantz Fanon — psiquiatra, filósofo, pan-africanista, revolucionário, pensador da luta anticolonial, deixou um legado muito importante para a luta antirracista, anticolonial, luta contra a opressão e a exploração provocada pelo imperialismo. O autor compreendia que o racismo não é apenas um simples resultado da inferiorização e estigmatização de pessoas negras (pretos e pardos) no âmbito do meio de produção e das relações sociais estabelecidas no capitalismo, o racismo é uma forma de estranhamento, que faz com que negros não se reconhecem, ou não conseguem se reconhecer como seres humanos.

A coisificação do corpo negro retira a humanidade e a subjetividade que o torna humano, Fanon destaca em ‘‘Pele negra, máscaras brancas’’ que o racismo materializa-se na própria população negra inconscientemente por meio da formação educacional. Frantz utilizou o Haiti como exemplo para comprovar essa teoria, uma vez que crianças acessam conteúdos nas escolas em sua maioria feitos e elaborados por pessoas brancas, com personagens brancos, dentro dessas literaturas a representação do corpo negro não está ligado aos ideais de beleza, ou inteligência, e sim a corpos sujos, descatáveis, selvagens, animalizados sempre como vilão, malandros, sorraterios, coisificados etc. por outro lado, brancos sempre heróis, desejados, totados de sabedoria e inteligência, os ‘‘salvadores’’ dos povos selvagens.

Dessa maneira, portanto, Fanon nos mostra como a internalização involuntária desses valores passa, desde a infância, a banalizar a noção do negro enquanto figura repudiável e maléfica, de modo que as próprias crianças haitianas negassem a ancestralidade afrodescendente e os traços de negritude que possuíam. (MARINHO, MASUKO, DARÉ, 2021)

Isto significa que crianças negras já crescem aprendendo a se odiar, já crescem sabendo o peso da sua cor, já crescem com medo, inseguras, subjugadas, raivosas e animalizadas, excluídas. Crescem tentando alcançar um ideal de branquitude que nunca

chega, e crianças negras não se reconhecem e, apesar das inúmeras tentativas, não conseguem se tornar brancas. No Brasil a miscigenação também traz noção do pardo que vive no limbo entre o ser e o não ser, “branco demais para ser preto, preto demais para ser branco” mesmo sofrendo e passando pelos mesmos processos de racismo são divididos, excluídos, fica o sentimento de não pertencimento, muitas vezes são associados como corpos "sujos", etc. Ambos crescem sob o olhar da branquitude, sofrendo as diversas expressões sejam elas físicas ou subjetivas, crescem sem autoestima, vivem com medo da bala perdida, ou do suicídio, do desemprego, ou subemprego — condições que geram um eterno sofrimento.

Para Fanon os distúrbios psicológicos são determinados pela organização das relações que o indivíduo estabelece, isto é, pela organização política, social, cultural, econômica. Estes fatores são responsáveis, ou não, pelo adoecimento mental da população. Nesse sentido, numa sociedade criada e estruturada sobre o viés da colonização, tem no seu âmago traços que reproduzem a figura do negro como algo ruim e isto reflete diretamente na formulação de políticas, nas práticas e costumes sociais. Nos meios de comunicações que disseminam conteúdos racista e contribuem para demonização das pessoas negras, na naturalização da violência e da morte consentida e legalizada empregada pelo Estado a corpos negros, pela subalternação e coisificação dos modos de vida, religião, arte, música da população negra.

Nesse caminho, a psicóloga Shenia Karlsson desenvolveu a categoria “burnout racial” - condição desenvolvida por pessoas negras que lidam com o racismo no espaço profissional.

O Burnout Racial tem algumas características diferentes do Burnout tradicional. Pessoas negras geralmente apresentam não só uma exaustão oriunda do trabalho e sim, uma exaustão oriunda do racismo. A interdição, a situação de duplo vínculo, o silenciamento e a pressão que o sistema faz para que essa pessoa negra desista de estar naquele ambiente causam, além dos sintomas tradicionais do Burnout, alguns outros sintomas tais como sentimento de desesperança e não pertencimento, vergonha, baixa autoestima, incertezas, sensação de fracasso e

não merecedor de seu lugar no mercado de trabalho. Pessoas negras costumam chegar no consultório com uma grande tristeza e um vazio existencial. (KARLSSON, 2023)

Ainda segundo Karlsson,

"Como o racismo é insistente, com inúmeros mecanismos de silenciamento, a pessoa acaba entrando em um estado de exaustão. O racismo constante adocece. (...) Ninguém aguenta ser bom o tempo inteiro, nunca errar. É preciso considerar a pressão que esses profissionais têm que passar. Há um risco alto de adoecimento. A gente não pode esquecer que os jovens negros no Brasil, por exemplo, encabeçam os índices de suicídio” (KARLSSON, 2023)

À face de tudo que foi exposto, é possível afirmar que pessoas negras estão em constante estado de sofrimento e adoecimento devido ao rebatimento da sociabilidade capitalista colonial e racista, que usa deste mecanismo para controlar e diminuir a capacidade de organização dos trabalhadores negros. Além disso, a desigualdade racial alinhada ao neoliberalismo e as novas formas de organização do trabalho contribuem para a continuação e reprodução da exploração, informalidade e subordinação de pretos e pardos.

Por fim, o sofrimento mental torna-se adoecimento físico dos corpos, um corpo sem forças não vai à luta, um corpo sistematicamente excluído e violentado não consegue reproduzir a vida material e subjetiva, viver com medo é viver tolerando aquilo que é intolerável, é apenas sobreviver.

*“Cada rua dessa cidade cinza sou eu, olhares brancos me fitam. Há perigo nas esquinas, eu sou um corpo, um ser, um corpo só. Tem cor, tem corte” (trecho*

*da música “Um corpo no Mundo”, autoria:Luedji Luna)*

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

“Uma vez descoberto o branco dentro de si, ele o mata [...]. Após ter sido levado aos limites da autodestruição, o preto, meticulosa ou tempestuosamente, vai saltar no buraco negro de onde partirá com tal vigor o grande grito negro que estremecerá os assentamentos do mundo”(Fanon, 2008, p. 167).

Ao fim deste trabalho espera-se comprovar, ou pelo menos trazer algumas respostas sobre como o processo de sofrimento e adoecimento de pessoas negras e da classe trabalhadora estão associados ao modelo de sociabilidade capitalista e por seus reflexos nas relações sociais, culturais, políticos e econômico, fatores externos responsáveis pela mortificação de pretos e pardos.

No decorrer do texto, foi analisado o processo de colonização da América Latina, especialmente no território brasileiro, onde a escravização da mão de obra africana e indígena foi peça engendrada para a constituição e sucesso do sistema colonial. E mesmo após a “abolição” e a inserção do trabalho livre no Brasil, os traços do colonialismo e do trabalho escravizado se mantém e afetam diretamente trabalhadores negros (pretos e pardos) como comprovado no terceiro capítulo, o que fica ainda mais evidente numa cidade minério dependente como a cidade de Mariana–MG que estabelecem relações de trabalhadores super-explorados e degradantes.

Além disso, por meio do relato, foi possível observar um período de sofrimento imposto à mulher negra, que primeiro sofreu pelas marcas da escravização, depois pelo trabalho explorado, pelo adoecimento, abandono Estadual e familiar e por fim, a morte. Todo esse esgotamento, sentimento de medo, insegurança e incapacidade são partes do cotidiano de pessoas negras, esse desgaste cotidiano geram sofrimento dos nossos corpos e vidas, ser e ter um corpo negro é lutar todos os dias para se manter vivo e saudável, em um sistema que só esperava nossa morte, nosso erro, nosso deslize.

Nesse sentido, é de extrema importância a descolonização dos pensamentos, das instituições, dos espaços públicos e sociais. É necessária uma descolonização do sistema político, entendido aqui como uma sociedade além do capital, da exploração de classe e

raça. É preciso criar outros sentidos para a existência negra, algo que realmente faça sentido, longe da violência, do sofrimento e da exploração, uma tomada de consciência ética, racial e de classe, longe da hegemonia e controle branco e a necessária e urgente interrupção da colonização brasileira. E que, por fim, as pessoas brancas entendem “é que não é possível desumanizar o outro sem perder a própria humanidade. (fanon 2010)”

*A felicidade do branco é  
plena  
A felicidade do preto é  
quase  
(Trecho da música  
‘Ismália’ autoria Emicida)*

**REFERÊNCIA :**

DUSSEL, Enrique. 1492 O encobrimento do outro. A origem da modernidade: Conferências de Frankfurt. Segunda parte. Petrópolis: Vozes, 1993.

ALENCASTRO, Luiz Felipe. África, números do tráfico atlântico. SCHWARCZ, Lilia Moritz e GOMES, Flávio dos Santos. Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018

FERNANDES, Florestan. A Integração do Negro na Sociedade de Classes, vol. I: o legado da raça branca. São Paulo, Globo, 2008.

MOURA, Clóvis. O Negro, do bom escravo a mau cidadão? Rio de Janeiro: Conquista, 1977. P. 19n-98

MOURA, Clóvis. Dialética Radical do Brasil Negro. São Paulo: Editora Anita, 1994.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e Sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje. Anpocs.** p 233-244. 1984

SOUZA, Jessé. Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro. Rio de Janeiro: LeYa, 2018. P.189-203

HORST, C, CARRARA, V. “Questão Social” Mineração e Serviço Social. Ouro Preto: Editora UFOP, 2023. cap 1, 2 e 5.

Indícios de Racismo Ambiental na Tragédia de Mariana: resultados preliminares e nota técnica Relatório Preliminar Luiz Jardim Wanderley. Grupo Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade (PoEMAS) Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: Ed. UFBA, 2008.

COELHO, R. Na corda bamba do trabalho : a instabilidade e o sofrimento do trabalhador na era da flexibilização. Rio de Janeiro UFRJ, 2012.

Trentacinque ore della mostra vita, *Il manifesto*, 13/2/1998, p. 5, apud

Disponível em [https://blog.cebrasse.org.br/2022/08/16/desemprego-cai-em-22-estados-no-2o-trimestre-bahia-e-pernambuco-tem-as-piores-taxas/?utm\\_source=leadlovers&utm\\_medium=email](https://blog.cebrasse.org.br/2022/08/16/desemprego-cai-em-22-estados-no-2o-trimestre-bahia-e-pernambuco-tem-as-piores-taxas/?utm_source=leadlovers&utm_medium=email)

[https://www.globo.com/brasil/noticia/2024/01/25/uma-vez-da-higie-xpo-20a-20maior-20feira-20limpeza-20profissional-20da-20america-20latina-gad\\_source=1&gclid=Cj0KCQiAqsitBhDIARIsAGMR1RiuXijCTEMOwtG3gcDCCOURxUwdoNUm8bRIK4iTMKh4Q33QIxIMDRlaAt8vEALw\\_wcB](https://www.globo.com/brasil/noticia/2024/01/25/uma-vez-da-higie-xpo-20a-20maior-20feira-20limpeza-20profissional-20da-20america-20latina-gad_source=1&gclid=Cj0KCQiAqsitBhDIARIsAGMR1RiuXijCTEMOwtG3gcDCCOURxUwdoNUm8bRIK4iTMKh4Q33QIxIMDRlaAt8vEALw_wcB)> Acesso em 25/01/2024

Disponível em <https://jornalasurene.com.br/olhar-de-fora/2017/11/29/mariana-uma-historia-com-mineracao>> Acesso em 08/04/2024

Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1491/>> Acesso em 08/04/2024

Disponível em [As mulheres negras no contexto das barragens e da mineração \(mab.org.br\)](http://mab.org.br)> Acesso em 08/04/2024

Disponível em [Frantz Fanon: psiquiatra, filósofo pan-africanista revolucionário e lutador anticolonial - MS](http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/1491/)> Acesso em 22/09/2024

Disponível em [O mal-estar colonial: racismo e o sofrimento psíquico no Brasil \(bvsalud.org\)](http://bvsalud.org)> Acesso em 22/09/2024

Disponível em [Trauma, colonialidade e a sociogenia em Frantz Fanon: os estudos da subjetividade na encruzilhada \(bvsalud.org\)](http://bvsalud.org)> Acesso em 22/09/2024

Disponível em [SciELO - Brasil - O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade O negro no contexto das novas estratégias do capital: desemprego, precarização e informalidade](http://scielo.org.br) Acesso em 27/09/2024

Disponível em [Suicídio é maior entre adolescentes e jovens negros – NUPAD \(ufmg.br\)](http://ufmg.br) Acesso em 02/20/2024

Disponível em [Desumanização do corpo negro: da psicanálise ao racismo \(nexojornal.com.br\)](http://nexojornal.com.br) Acesso em 06/10/2024

Disponível em [Você sabe o que é Bornout Racial? - Mundo Negro](http://www.mundo-negro.org.br) Acesso em 06/10/2024



Disponível em [Burnout racial: como preconceito leva pessoas negras ao esgotamento - BBC News Brasil](#) Acesso em 06/10/2024